



ALFA

Alma

Nova

N.ºS 11 E 12

PREÇO 3\$00 ESC.

S U M A R I O

CAPA: Desenho do *Dr. Alfredo de Andrade*; VAGA, Escultura de *Júlio Vaz*; DE RELANCE, Quinzena por *Câmara Reis*; DE S. MARTINHO DO PORTO e A MORTE DO GAIO, por *Irene*, desenho de *Ilda*; ALEXANDRE HERCULANO, por *Cosla Leão*; RAINHAS DE PORTUGAL, SOBERANOS DA EUROPA por *Frazão de Vasconcelos*; AS NOSSAS ESCOLAS, o colégio Vasco da Gama, Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca — Pelo Ressurgimento Nacional, por *M. Gomes dos Santos*; O CAMPINO, caricatura de *Rafael Bordalo*; CINEMATOGRAFIA, fotografias por *A. F. de C.* TEATRO, por *Adolfo de Castro*; — Literatura Cinematográfica por *R. de B.* — Os nossos artistas do Retrato (fotografias) por *Mateus Moreno*; NAS GRANDES PRAIAS ESPANHOLAS; CRÓNICA DE VERÃO — Nas praias portuguesas, por *Adolfo Faria de Castro*, — HÁBITOS por *F. Valença*; PÁGINA INFANTIL, por *António Ferreira Monteiro*, Os Amiguinhos da Alma Nova (fotografia); OS NOSSOS POETAS, Musa açoreana, por *Espinola de Mendonça*; EVANGELHO DO EGOISMO por *Rodrigues Migueis*; FIGURAS E FACTOS (fotografia); CAMILO EM ESPANHA, por *Santos Agero*; IN MEMORIAN, *Dr. Alfredo de Andrade* por *Emílio Salgueiro*; MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO (clichés), por *Rebêlo de Betencourt*; MONOGRAFIAS LOCAIS, por *P. M. Laranjo Coelho*; TERRAS DO ALGARVE — S. Brás de Alportel; ÉCOS E NOTÍCIAS; TER ESPÍRITO, por *F. de P.*; OS NOSSOS POETAS, por *Eduardo Salgueiro*; A GLIPTICA, por *Nuno Catarino Cardoso*; CURIOSIDADES; Notas de Banca, por *José Brandão*.

PÁGINAS ARTÍSTICAS — NINFA DAS PRAIAS, desenho de *Alfredo Cândido*; DURANTE O BANHO, desenho de *Saavedra Machado*.

AOS NOSSOS EX.^{MO}S ASSINANTES, ANUNCIADORES E LEITORES

COM o presente fascículo a “Alma Nova” encerra o 1.^o volume da sua 4.^a série.

A todos os Srs. assinantes que ainda têm em débito as suas assinaturas referentes a números publicados, rogamos se dignem liquida-los logo que lhes seja apresentado o respectivo recibo, pois decerto não ignoram que nada há mais embaraçoso e desanimador para uma empresa que não dispõe de grandes capitais, do que estar contando com a receita das assinaturas enviadas à cobrança, o elas serem-lhe devolvidas com a nota de “não pago”.

Por tal gentileza e porque julgamos que todos vêm na “Alma Nova” um instrumento útil à ampla campanha de reabilitação nacionalista que é necessário empreender, apressamo-nos a testemunhar-lhe a nossa particular confiança e o nosso sincero reconhecimento.

Aos nossos Ex.^{mos} amigos e Srs. assinantes que não desejarem continuar a sua assinatura no-lo participem, logo que este aviso recebam.

A ADMINISTRAÇÃO

EXPEDIENTE

Devido a inconvenientes estranhos à nossa vontade, reúnimos em um volume os números 11 e 12 e saíram um pouco mais tarde. Que no-lo perdõem os nossos leitores.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

...
◆ DE ◆
S. MAR-
TINHO
DO
PORTO
...



S. MARTINHO é uma bonita praia. Ninguém duvida...

¿Que tenho eu visto que me interesse? Os rapazes e as raparigas, mas êsses são de toda a parte. As raparigas que se podem ver são muito frágeis, muito delgadas, passeiam, arrancham na areia e mais nada. Não brincam, não jogam. As nossas raparigas todas precisavam de ser sacudidas, animadas de corda, já que são bonecas...

Os rapazes... apageiam as raparigas, um ou outro corre a praia até Salir, volta... um ou outro nada... E a baía repousada, com o seu batalhão de barquinhos, não palpita.

Uma manhã houve em que três chatas andavam enfeitadas de umbelas e vestidos garridos, mas não se repetiu.

*

Está muita gente, mesmo assim.

¿Se conheço alguém? Sim, já estou familiarizada com certas figuras; reconheço-as de longe; nunca lhes falei, mas acompanham-me. Passo por elas á hora do banho, sigo á borda de água e deixo-as.

¿Que borbórinho, á hora do banho! Grupos que falam, grupos que miram, criançada,

cães... Mas ninguém se incomoda, quem quer está, quem quer vai

E' simpática a praia. Quando cheguei, á tarde, e vi o mar, tive desejos de o cumprir: mar de brinquêdo, há quantos anos te conheci... és sempre lindo e mais a concha em que repousas...

Dias depois, quando fui a St.º António, a meia hora, ali em cima, deu-me ganas de bradar: thalassa... thalassa... Era o mar largo, arripiado nos rochedos, sôfrego ao sol que se punha, baixo e infinito.

*

A capelinha de St.º António é muito visitada; tem uma ladeira curta e no extremo um mirante tentador! Datas, nomes, versos, pensamentos, recamam as paredes da alpendrada, que se adianta da capela. Há muito quem se abalance á posteridade com aquelas marcas de passagem...

Ontem foram para lá dois namorados e uma companhia, que era a mãe dela. Que feiinha de cara ela era... Muito nova, muito *torrão*, com desejos de entrar pelos olhos dêle, de o assoberbar, de ser cativo. Protegia-o do sol, ria, falava. E êle, muito novo,

como ela, dizia as *chouchices* dos namorados: «eu conheço um rapaz que se chama... olha aqui é que se está bem... não tenho mais vontade...» Levavam farnel, já se sabe. Deixaram as escadas cheias de cascas de ovos.

*

Os namorados dizem coisas insignificativas, porque não podem dizer outras, estão lavrados interiormente por uma ânsia que lhes tolhe a fala e o pensamento. Riem, porque é fácil rir e andar contentes, mas não pensam. E' uma abstracção ditosa e infantil...

*

Ainda hei-de ir a Salir. De manhã, á noite e á tarde, sempre Salir me há-de tentar. Na costa de lá, acaçapada e clara, Salir sorri, Salir chama... Salir tem muitas casas e uma torre que lhe dá importância. Encosta-se tão bem ao monte tem tanto donaire... Há horas em que os prédios parecem de mudar, com janelas e portas aos riscos, viradas para nós.

Nestas noites de luar, seguindo o redondo da água na areia, Salir ainda lança apelos. E a gente, virando as costas a S. Martinho, vai sempre de cara a Salir...

*

Chegou e partiu agora um combóio...

Convencionalmente, mal cheguei e me vi na vizinhança da estação, clamei: ; Que aborrecimento, sempre a ouvir os combóios!

E afinal os combóios são uma companhia. Ouvir o combóio anima. Não é quem vem dentro que me interessa, eu não espero ninguém, nem vejo quem desembarca, é ouvir o resfolegar da máquina, o arrastar das correntes, o rodar... Estimo êstes combóios, acho-lhes graça, têm vida própria...

; E de longe? Quando se vai pela serra ou mesmo nas dunas e se vê aquela cadeia a fugir com um risco largo de fumo em cima... ; Olha! ; E' tão engraçado, não é?

*

Aqui há o hábito de se ir aos combóios. Juntam-se rapazes e raparigas sem conto, á espera dos lisboetas, dos recém-vindos. Não sei onde êles mais se divertem, nunca os vejo passear, não tem club seu. Fazem o *picodeiro*, á noite. Andam de cá para lá na rua mais categorizada, a do bilhar, até fartar.

*

S. Martinho tem que ver, garanto-lhes. Já a terra por si é um mimo. Assente num morro e aconchegada a uma serra é asseada e airo-síssima. Tem ruas alegres, bonitas casas e suaves vistas. Passeios é só escolhê-los...

Ao Facho, de onde se avista céu e terra e mar sem limites. ; E' tão belo êste fragoso monte do Facho! Altíssimo e a pique sôbre a água verde-limosa que se revolve em baixo. Do Facho se tem atirado gente...

A' Gralha, praia linda, encostada ao Facho, com uma réstea de areia e um espaldar de rochas e montes.

Ao Farolim, com sua avenida calcada pelos pés e suas vistas calmas.

A Alfeizarão, onde ainda não fui; a Salir; á serra dos Mangues.

A nossa gente passeia pouco, vem para a praia, limita-se á praia... A praia é a areia e á hora do banho e em determinado sítio.

*

A' noite não se vê ninguém na praia.

; Anda-se tão bem sôbre esta areia! E' muito terrosa, nada movediça. ; E brilhante? Há bocados em que toda ela luz. Ao sol, naturalmente.

*

Ontem fazia luar e andando, sem alegrio, sem premeditação de alegria, vontade de ganhar, ia considerando as nossas sombras tombadas na areia, para o mar.

Sempre sós...

; Oh! Mas isto não é tema... ; Eu busco algum tema, afinal? Sim, temas imprecisos, coisas da minha vida e da dos outros, coisas que sinto e que senti; o que vejo e julgo ver...

Desconsolada, a rodear o mar, com uma companhia afável e a lua esgazeada entre vista aqui e ali, pensava nos vãos temas. ; Viver, viver! ; Que é viver afinal? Cada qual vive de seu modo... Assuntos literários... ; Porque meios prendem? ; Pela linguagem ou pelas idéas? Alma de nada, sossega e embrutece..

*

O mar riscado à régua, na noite de ontem, tinha capricho. As ondas vindas da barra pareciam régua, certas e bem medidas. Morria, quebrava uma, depois outra, logo depois outra, mas todas horizontais, sem fazer recortes.

*

; Muito bonitos são os rochedos da garganta por onde o mar se precipita para esta bacia de lavar gente!

Tomara já começar a recruzá-la de barco; não sei que espero, sou como as outras...

IRENE

Fim de agosto. Desenho de ILDA



— **Q**UE te parecem as histórias sem moral?
— Agradáveis...

— Eu não sei como te contarei esta, mas afirmo-te que a ouvi desenxabida e simples.

— História de pouco tempo?

— Pudera! Histórias velhas são todas falsas...

“Era de noite, numa cosinha, com os tições a alumiarem mais que a torcida, um auditório de cinco e o narrador entre portas, uma gata velha e dois gatinhos pequenos a *ronronar*, as medidas de borco e os cães a entrar e a sair quando queriam...”

— Falta um bêbedo...

— Não havia bêbedos.

— Falta uma velha...

— Também não havia.

— Então continua.

— Era um gaio... Sim, um gaio ferido, caçado... com uma ásinha nas gúelias, a estrebuchar e a defender-se...

«Aquilo é que eles são velhacos! Escondem-se... e quando vão de umas árvores para as outras é que a gente o apanha. A cantar... a cantar... todos catitas... cegam uma pessoa... parece que a seguem...! Tumba! chumbei-lhe uma perna e uma asa... caíu-me da azinheira dos pés... e com uma ásinha atravessada... não lhe dei

A MORTE DO GAIO

tempo... isso é que as mulheres riram... à bicada, à bicada... danado...

— E a Lovi gostou?

— Gostou, é um pássaro tão bonito!... Também, foi o primeiro... Poucos caçadores se gabam...

«A pequena mais o rapaz fizeram-lhe uma festa... e êle sempre ás bicadas...»

— Não morreu?

— Morreu dali a pouco... A minha patroa ainda lá tem as penas.

— E que mais? Quem era a Lovi?

— Uma rapariguinha de seis anos.

«Eu não te disse que a história não tinha moral? Começas a perguntar, a tecer...»

«Eu não perguntei nada, vi cair o gaio das palavras chôchas do narrador, verde e fugaz, de bico aberto, surpeendido... Era de noite e acendi um sol claro, cavei os espaços de entre as árvores e ouvi cantar... Senti o tiro e arrepelei-me, fui com as mãos do espírito aparar a ave e ela picou-me; compreendi a inanidade do dó, deixei o Rabugem senhor da presa, percebi as gargalhadas das mulheres e puz-me a andar, a andar, desejosa de que os gaios redrobassem de sagacidade e só para mim cantassem...»

IRENE

Desenho de ILDA

ALEXANDRE HERCULANO



ALEXANDRE HERCULANO
(Retrato a óleo por Sendim)

PASSOU no dia 13 do corrente o 49.º aniversário da morte de um dos mais notáveis varões lusitanos do século XIX: Alexandre Herculano de Corvalho e Araujo. Não obstante o seu alto valor como historiografo, como escritor, como patriota, as gerações hodiernas não lhe erigiram monumento numo das praças de Lisboa, Mas **Herculano** é um nome que, literariamente, vale um monumento, cujo pedestal grandioso está representado pela profunda obra que é o *História de Portugal*; e a ornar o vulto bronzeado do autor insigne sobressaem as vigorosas figuras de *Eurica*, do *Mange de Cister*, do *Lidador*, do *Alcaide de Santarem*, etc., etc.

E que majestoso monumento!

Comemorando, pois, a data anniversário do passamento do inclito, português, o *Alma Nava* transcreve a seguinte interessante *auto-biografia*, publicada pelo Visconde de Juromenha em *A Nação* de 22-IX-1877, reproduzido no dia seguinte no *Diaria de Noticias* e mais tarde, em 10 de Abril de 1910, em *O Pava de Oeiras*, com uma nota biografica do Visconde de Juromenha pelo distinto linhagista e heraldista sr. Frazão de Vasconcelos, e de que se fez um "seporata" de 50 ex. numerados. Eis o *auto-biografia*:

"Alexandre Herculano nasceu a 28 de Março de 1810 filho de Theodoro Candido de Araujo, recebedor da Junta dos Juros (actual Junto do Credito Publico). Estudou as Humanidades nas aulas dos Congregados de S. Philippe Nery, com destino para a Universidade. Não seguiu esse destino por ter seu pai cegado em 1827 e sido opositado, faltando-lhe por isso os recursos para a continuacão dos estudos superiores. Implicado numa tentativa de revolução em 1831, emigrou para Inglaterra, donde passou á França.

D'ahi embarcou para a Ilha Terceiro, donde veio ao Porto em 1832, na expedição de D. Pedro.

Fez a campanha até quasi ao fim do guerra civil, posto que nomeado em 1833 poro segundo bibliotecario do Bibliotheca Publica do Porto, lugar que occupou até Setembro de 1836, em que pediu o suo demissão no conjunturo da revolu-

ção desse ano. Publicou então os folhetos — *A Vaz da Propheta* — os seus primeiros escritos, depois de três ou quatro artigos no *Repasitaria Literaria* do Porto. Em 1839 foi nomeado espontaneamente por El-Rei D. Fernando seu bibliotecario, e encarregado da administração das duos Bibliothecas Reais da Ajuda e Necessidades.

Eleito deputado pelo Porto em 1840, pertencia á opposição cortista, e retirou-se da camara no ano seguinte, para seguir exclusivamente o vida literaria. Eleito socio do Academio em 1846, despediu-se dela por desgostos, tendo tornado o entrar por nova eleição depois da reforma da mesmo Academio em 1852.

Tinha sido eleito socioA do codemio de Turim, em 1850, e da Academia de Historio de Madrid em 1851. Não tem titulo honorifico, condecoração, ou distincção alguma, e espera em Deus que nunco as terá."

O retrato, nado vulgar, que publicamos, é magnifico trobollo a oleo, do natural, por Sendim, e cujo original pertencia ao falecido architecto Rosendo Carvalheira, tendo sido — cremos — só uma vez reproduzido em fotografia, pelo *Diaria de Noticias*, em 28 de Março de 1910.

Mouricio José do Carmo Sendim (1786-1870) foi um considerado pintor português, a êle referindo-se, com justiça, Sousa Viterbo na sua "Noticia de alguns pintores portugueses e outros que, sendo estrangeiros exerceram, a arte em Portugal". Leccionou desenho no Caso Pio desde 1834 a 1865, apenas com o intervalo de 1839-40. Executou inumeros desenhos litográficos para publicações, mas nos trobaltos a oleo é que ganhou nome, pintando retratos da familia reinante, que nos parece oindo existem na Casa Pio, e de varios outras individualidades como Costijho.

Trabalhou muito dispersando Arte, e com talento, mos morreu pobrissimo!

RAINHAS DE PORTUGAL SOBERANAS DA EUROPA

ESTA revista, conquanto *nova*, pelo que nela temos lido, não é indiferente às cousas antigas, no que elas teem de honroso para o nome português e de ensinamento para as gerações modernas. Por isso, não é aqui descabido lembrar que Portugal, nos seus quasi oito séculos de monarquia, deu soberanas a alguns dos principais tronos da Europa, que Princesas de Portugal, — “rebentos da nossa raça, destacando-se da Pátria, iam de alguma maneira continua-la, distinctamente às vezes, numa individualização gloriosa de influência ou de acção, em meios extranhos e longiquos...”

Assim, vemos, logo na primeira dinastia, duas filhas de D. Afonso Henriques, uma *Rainha de Leão*, a Infanta D. Urraca, e outra *Condessa Soberana de Flandres e Duquesa de Borgonha*, a Infanta D. Teresa ou Matilde, a famosa *Condessa Mahant*, que, com seu sobrinho D. Fernando, filho do nosso D. Sancho I, encheram, como disse Luciano Cordeiro, a historia da Flandres e boa parte da historia da Europa Central no fim do século XII e principio do século XIII.

D. Sancho I deu Rainhas a *Leão*, a *Castela*, e a *Dinamarca*, respectivamente, as Infantas D. Teresa, D. Mafalda e D. Berenguela. As duas primeiras deixaram tal memória das suas virtudes que mereceram ser beatificadas séculos depois.

Na seguinte geração, D. Leonor, filha de D. Afonso II, foi também *Rainha da Dinamarca*.

D. Denis deu uma rainha a *Castela*, a Infanta D. Constança, casada em 1302 com D. Fernando IV.

A Infanta D. Maria, filha de D. Afonso IV, educada por sua avó a Rainha Santa Isabel, foi mulher de seu primo D. Afonso XI de Castela. É esta a *formosissima Maria* que, no dizer de Camões, *entrou nos paternais paços sublimados*;

“Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
“E seus olhos em lágrimas banhados;

a pedir auxílio contra o poder da mourama, auxílio que deu a D. Afonso IV os louros do Salado.

Ainda na primeira dinastia, temos uma *Rainha de Aragão*, também filha de D. Afonso IV, e uma *Rainha de Castela*, a Infanta D. Beatriz, filha do Rei Formoso e de D. Leonor Teles.

Na segunda dinastia, no periodo aureo da nossa história, demos outra Condessa a *Flandres*, três Rainhas a *Castela*, duquesas a *Parma* e a *Sabóia*. Imperatrizes a *Alemanha*, estas últimas a Infanta D. Leonor, filha de D. Duarte, casada aos dezasseis anos de idade, em 1451, com Frederico III, da Alemanha, e a Infanta D. Isabel, casada em 1525 com o Imperador Carlos V, senhor das



D. Leonor, Infanta de Portugal, esposa de Frederico III, coroada, pelo Papa Nicolau V, com o corão de ouro dos Imperadores de Romo e com o de ferro dos Reis do Lombordio.

coroas da Alemanha e da Espanha, que teve um dos maiores poderes do mundo.

Depois da Restauração, deu Portugal uma Rainha a Inglaterra, a infeliz esposa de Carlos II, que depois de viuva duas vezes foi regente de Portugal, em nome de seu irmão D. Pedro II, e mais três Rainhas á Espanha e uma gran-duquesa ao Luxemburgo.

Interessante galeria esta que merece um momento de attenção e de estudo.

FRAZÃO DE VASCONCELLOS

AS NOSSAS ESCOLAS



Sua Eminência o sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, discursando no Colégio Vasco da Gama, após a benção da bandeira daquele modelar estabelecimento

O Colégio "Vasco da Gama", que ocupava de há muito um lugar de notável relêvo entre os nossos estabelecimentos particulares de educação e ensino, acaba de receber do Governo uma justa distinção.

Após a visita que no dia 9 fez a todas as dependências daquele Colégio, onde muito nobre esforço e espírito patriótico teve que admirar, o sr. Ministro da Agricultura resolveu louva-lo pela seguinte portaria:

MINISTERIO DA AGRICULTURA

SECRETARIA GERAL

CONSIDERANDO que o Colégio Vasco da Gama, já assinalado por notáveis e desinteressadas iniciativas de grande proveito para a educação pública, se afoitou a criar no ano transacto um curso médio, teórico e prático de agricultura, que é o primeiro que funciona em estabelecimentos particulares de ensino;

O COLEGIO VASCO DA GAMA EM LISBOA

Considerando que tal prioridade, além de magnanimidade sob o ponto de vista administrativo, significa também uma intelligencia das necessidades nacionais, pois visa promover entre as gerações novas e abastadas o desvio das profissões liberais, do funcionalismo e do urbanismo e o regresso á terra com espírito progressivo;

Considerando que os progressos dèsses cursos de cinco anos asseguram uma preparação intensa sempre norteada no sentido moderno e com objectivo de applicação ás condições do solo e da vida portuguesa;

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministério da Agricultura, que á Direcção do Colégio Vasco da Gama seja dado público testemunho de louvor e que o seu curso de agricultura seja reconhecido como de utilidade pública.

Paços do Governo da República, 9 de Setembro de 1926

O Ministro da Agricultura,

a) Felisberto Alves
Pedrosa

Acompanhamos o ilustre corpo docente do belo estabelecimento de ensino no justo regosio de que deve estar possuído.



O professor do Colégio sr. dr. Francisco de Miranda numa lição de zoologia prática

PELO RESSURGIMENTO NACIONAL

“E’ PRECISO UM GOVERNO DE HOMENS ACTIVOS ENERGICOS E SABEDORES”



Dr. José Eugénio Dias Ferreira

Dr. José Eugénio Dias Ferreira, eminente juriconsulto e professor do Instituto Superior do Comércio, está, pode dizer-se, na ordem do dia.

Os seus méritos são bem conhecidos dos seus alunos e de todos quantos se interessam pela profunda reforma administrativa que o País reclama.

Em prol da *reorganização dos serviços públicos*, tornando-os mais efficientes e harmónicos, por forma a corresponderem ás novas necessidades da vida moderna e ao ressurgimento do país, quem há para aí que tenha estudado e organizado um sistema de conjunto mais completo?

Os calorosos aplausos que S. Ex.^a recebeu na Sociedade de Geografia, da parte de um auditório tão ilustrado e numeroso, são a prova mais evidente da consideração que os seus trabalhos merecem.

Tivemos, também, o prazer de assistir a essa conferência e de ver confirmado o alto conceito que de há muito fazíamos da vasta cultura jurídica e das inegáveis faculdades de organizador, que distinguem o Dr. Dias Ferreira.

Interessava-nos, por isso, conhecer agora alguns pormenores referentes propriamente á exequibilidade dos seus projectos tauto mais que sabemos que S. Ex.^a tem elaborado um *plano de execução*, com os detalhes materiais para pôr em prática as várias reformas, e deliberámos entrevista-lo.

As palavras de incitamento e elogio com que o Sr. Dias Ferreira acolhe a “Alma Nova”, cujo programa patriótico afirma já de há muito conhecer, sobremodo nos penhoram. Fazemos perguntas rápidas, concretas, a que S. Ex.^a responde concretamente também.

— Admitidos os seus planos, quais as primeiras condições para a sua exequibilidade? — preguntámos-lhe.

O nosso entrevistado responde decididamente, como quem expõe uma lição.

— Em primeiro lugar — diz —, reduzi-los aos pontos essenciaes, traduzidos em fórmulas de applicação immediata (por vezes, dentro de prazos determinados) e organizar com elles o plano do governo (em vez da inutil declaração ministerial). Ainda aqui obedeço á regra que consignei no Estatuto Fundamental, pela qual o governo é obrigado a apresentar o seu plano na primeira sessão seguinte da câmara e decorridas 48 horas da posse, ou a publicá-lo, dentro de igual praso, no *Jornal Oficial*, se a câmara estiver encerrada. Este plano definirá a orientação do governo sobre as matérias das três secções independentes em que se desdobra a função governamental (governança geral, segurança pública e relações internacionais; economia nacional e finanças; e relações coloniais), enunciando as medidas concretas de applicação immediata e indicando, conjuntamente, os meios materiais para a sua execução. Estes planos devem, pois, conter, numa formula prática, as medidas de oportunidade, embóra estas estejam integradas num plano geral de conjunto. Cada um dos ministros, de per si, ficará a mais obrigado a desenvolver esse plano nas matérias da sua competência, por meio de propostas de lei, que apresentará na camara ou publicará no *Jornal Oficial* até um mês depois da posse.

— E as attribuições dos ministros são também remodeladas, dando-se-lhes um caracter mais práctico?

— Exactamente. Basta dizer-lhe que os decretos (reservados apenas para a regulamentação das leis), as portarias, as instruções e o despacho (que fica restrito ao movimento do pessoal), são substituidos por simples *ordens ministeriais* escritas. E, como coeficiente de correcção, lá está a lei de responsabilidade criminal e civil coexa, que prevê minuciosamente todas as violações. Além disto, os ministros podem intervir directamente na execução dos serviços públicos, dando ordens directas aos funcionários, fiscalizando *de visu* e ordenando até a suspensão dos actos que reputem ilegais ou lesivos dos interesses públicos.

— De modo que . . .

— De modo que o ministro, em vez de passar, como até aqui, sentado á sua secretária, a rabiscar decretos e a fazer despachos, cujo cumprimento percorre uma complicada e morosa engrenagem burocrática, passa a trabalhar á inglaterra. Eu vou até a estes extremos: Trata-se de montar um serviço público, uma nova secretária, por exemplo: é ao ministro que compete dirigir essa montagem, dar as indicações precisas para a sua coordenação, ordenar, mandar e vigiar directamente, aliás eterniza-se a execução. Trata-se da abertura de trabalhos para a construção de uma estrada ou de um caminho de ferro ou dos ensaios para uma montagem electrica, porque não há-de ir o ministro, com os seus engenheiros, avaliar directamente as condições de estabelecimento ou instalação e de funcionamento? Quando é que surgirá um ministro da instrução que, em vez de se concentrar no gabinete a forjar as teorias do ensino, vá directamente colher a propria acção, a experiência, numa visita ás escolas, surpreendendo os professores nas suas prelecções, ouvindo os interrogatórios, apreciando o critério das provas e constatando por si o valor dos metodos?

— Seria, efectivamente, um meio de pôr á prova as faculdades de execução de cada um.

— É isso mesmo, é aí aonde eu queria chegar. Faça favor de frizar bem esta nota na sua bela revista, que reflecte uma elevação de ideias e traduz uma pureza de fé, dignas de admiração nos tempos que vão correndo. Digo mesmo que isto de ter planos ou ideias, ou de ter um pra-

grama é essencial (ao contrario do que alguma gente diz), mas não é o bastante. Grandes capacidades temos nós, que produzem bem, aquecidas dentro do seu gabinete, mas a quem qualquer ar de fóra causa logo arrepios. Estou convencido, por exemplo, de que Basilio Teles, um espirito de incontestavel valia, seria um bom orientador, um bom conselheiro, mas que não servia nem para chefe de repartição. Para apresentar um bom projecto bastará, por vezes, adaptar o que há de melhor lá fóra, mas para o executar. . . É preciso um governo de homens activos, euérgicos e sabedores, em vèz de um govêrno de "lazaros". Ésse governo precisa, a seu turno, de se rodear de bons colaboradores. Para os escolher (porque os há e bons em todos os serviços). é preciso ainda conhecer bem o meio, tê-los visto em *funções* e haver apreciado a sua competência e actividade. É claro que, para este *desideratum*, temos que arredar os preconceitos e atender a duas condições fundamentais: seleccionar os funcionarios, sem contemplações de qualquer espécie, atendendo ás habilitações, requisitos morais, serviços prestados e faculdades executivas; e chamar ao desempenho dos cargos técnicos todas as competências, qualquer que seja o seu credo político. Só assim a República poderá consolidar-se. Tem-se cometido o êrro gravissimo de pôr de lado os valores mentais da nossa terra. Má politica essa,

que mantém de fóra estes fermentos de revolta que se não deixam nunca calcar nem abafar. Em resumo, por agora, aponto-lhe estas três condições preliminares:

a) Plano concreto do govêrno, com as medidas de execução imediata;

b) Selecção do funcionalismo;

c) Admissão dos competentes aos cargos técnicos.

É o dr. Dias Ferreira, num apêrto de mão confiante e amigo, termina, como dedução das considerações expostas:

— "Ou a República se integra na civilização moderna, assumindo uma feição prática e progressiva, ou continuamos a ser tratados como os selvagens da Europa; ou a República se transforma num regimen de protecção e tolerância para todos os portugueses, ou não passa dum modo de vida que os mais espertos e atrevidos inventaram para uso próprio.

Garantindo-lhe que o "Nucleo de Ressurgimento Nacional" e a revista "Alma Nova" estarão sempre ao lado de todas as ideias de são patriotismo, fóra de quaisquer interesses de partido ou facção, manifestamos ao dr. Dias Ferreira o desejo de que nos expuzesse, em alguns artigos ou novas entrevistas, outros pontos essenciais do seu plano.

Sua Ex.^a acedeu.

M. GOMES DOS SANTOS.

Lisboa, Setembro de 1926.

• • •

TUDO O COMÉRCIO PODE
ANUNCIAR GRATUITAMENTE
O NA "ALMA NOVA" O

A PARTIR DO
"PRÓXIMO"
NÚMERO, A
"ALMA NOVA"
PASSARÁ A
PUBLICAR-SE
EM TOMOS
TRIMESTRAIS,
DE 32 A 40
"PÁGINAS,"
INCLUINDO,
"ALÉM DAS"
SUAS HABITUAIS
"SECÇÕES"
ETNOGRÁFICAS
"DA VIDA"
"POLÍTICA,"
INTELLECTUAL
E ARTÍSTICA
PORTUGUESA



O CAMPINO, DESENHO DE RAFAEL BORDALO

NOVAS SECÇÕES
DE GRANDE
INTERESSE
COMERCIAL
E SCIENTIFICO,
QUE ESPERAMOS
ENCONTREM AS
MELHORES
SIMPATIAS NO
NOSSO MEIO.
CADA TOMO DA
"ALMA NOVA"
SERÁ ASSIM
UMA PEQUENA
BIBLIOTECA
DE TUDO O QUE
SE REFERE Á
RESPECTIVA
"ESTAÇÃO"
DO ANO.

• • •

PE DIR CONDIÇÕES A' REDACÇÃO
C. DE JOÃO DO RIO, 8. 1.º — LISBOA

UM "FILM" PORTUGUES

O Diabo, no seu escritório, na Boca do Inferno, onve alegre ditar uma carta à dactilógrafa na qual se pedem ao Padre Eterno providências para o excessivo número de almas vindas da Terra para o Purgatório. Perguntando o Diabo o motivo de tal facto, Alepe explica que os habitantes da terra andam envolvidos em guerras e revoluções. O Diabo resolve observar a terra para o que se serve um telescópio, mas, focando uma cidade vê apenas scenas de amor, pelo que mostra a sua estranheza a Alepe. Esta diz-lhe, então, que a cidade que êle observa é Lisboa, a cidade do amor. O Diabo, interessado, continua observando e ouve, depois de presenciar vários aspectos típicos da vida de Lisboa, uma entrevista entre dois rapazes, Pedro e Jorge, e duas raparigas, Maria Luísa e Maria Manuela, no jardim de S. Pedro de Alcântara. Simultaneamente, na Mouraria, à porta duma taberna, uma rapariga, de nome Rosa, escuta algumas quadras que um operário canta, acompanhado à guitarra. Os dois pares dirigem-se, de S. Pedro de Alcântara para o Chiado, à hora do maior movimento elegante, parando diante de algumas montras, onde admiram os objectos expostos, pedindo aos rapazes que os acompanham que lhes comprem duas bonecas que ostentam os melhores modelos de vestidos. Ante a recusa das rapazes, elas resolvem fugir. E os rapazes sobem ao alto do elevador de Santa Justa, perseguindo vê-las tomar um taxi, no Rossio. Perseguem-nas até ao Jardim Zoológico, onde as convidam a tomar chá, recusando-se elas a dançar. De casa, convidam-nas a ir ao Maxim's, ao que elas respondem increspando-se por não lhes terem comprado os vestidos.

À meia-noite, Pedro e Jorge encontram-se no Maxim's, onde se donça animadamente. O Diabo abandona o telescópio e diz a Alepe: "—É meia noite e até às três tenho o poder supremo sobre o mundo. Vou-me divertir. Manda-me para Lisboa algumas almas do Inferno, entre elas as de Messalina, Cleopatra e Severa". As almas no Inferno bailam doidamente pelas praças de Lisboa. Na montra da loja do Chiado as duas bonecas de cera



Os artistas Maria Emilia Castelo Branco e Carlos Viana na scena "O Fado" de "O Diabo em Lisboa"

"O DIABO EM LISBOA"

tomam subitamente vida. Nelas entraram as almas de Cleopatra e Messalina. Resolvendo aproveitar as três horas de estada em Lisboa, Cleopatra e Messalina entram no Maxim's. A sua entrada cause sensação principalmente nos dois rapazes, que vêem com espanto os dois vestidos — modelos.

Entretanto, na taberna da Mouraria vêem-se dado várias scenas conflituosas e todos querem obrigar Rosa a cantar o fado. No largo do Barão de Quintela, junto à estátua de Eça, a alma da Severa, reconhecendo Lisboa, resolve dirigir-se para a Mouraria, vindo encarnar em Rosa que, re-

pentinamente, pede a guitarra para cantar o fado, e fá-lo de tal maneira que comove todos os frequentadores da taberna.

No Maxim's, os rapazes, Messalina e Cleopatra bebem pelas mulheres antigas, pelos rapazes modernos e resolvem passar para um gabinete reservado. O Diabo ri. São três horas. As almas vão regressar ao Inferno. Pedro e Jorge, ao quererem beijar Messalina e Cleopatra, encontram bonecas de cera, em vez de mulheres de carne e osso.

Na taberna, a alma da Severa abandona o corpo de Rosa, que foge da taberna, na companhia do operário, prometendo ambos levar vida honrada.

As duas raparigas do Maxim's entram no gabinete, fazendo uma scena de ciúmes, os rapazes explicam-se, dizendo tratar-se não de mulheres mas de bonecas e oferecem-lhe os cubitados vestidos modelos.

Tal é o entrecho da fantasia *O Diabo em Lisboa* que está sendo filmada por Rino Luppo e Artur Costa de Macedo. É uma película portuguesa, onde passam os aspectos mais interessantes, pelo seu pitoresco e pelas suas condições especiais, da vida de Lisboa em muitos dos seus detalhes, em muitíssimos dos seus pormenores. Reúne por um leve fio de enredo, scenas da Lisboa noturna, de Lisboa dos Clubs, da Lisboa boémia, da Lisboa elegante, da Lisboa do rua, da Lisboa da Mouraria, da Lisboa do amor, da Lisboa-toute façans, enfim. A sua realização representa uma larga soma de esforços e um enorme dispêndio de energia.



O Conhecido "metteur-en-scene"
Lino Ruppó

ÁLGUNS DOS INTERPRETES DO FILM "O DIABO EM LISBOA"



Luís Magalhães



Beatriz Costa



Euriks

iniciando -- possivelmente -- um grande movimento de produção cinematográfica em Portugal. A Lino Ruppá, já que nas deu êsses interessantes films nacionais *Os Lobos e Mulheres da Beira*, se deve muito do pouco que em matéria cinematográfica se tem feita em Portugal. A sua iniciativa, agora realizada, é credara de todo o aplauso e de todos os incitamentos. Cinematografia Portuguesa?... E porque não deva existir?

O Diabo em Lisboa prendeu-me a atenção desde aquela

tarde em que, no Maxim's, assisti à "filmagem" de algumas scenas. Moveu-me o interesse de conhecer o entredo e agora aguarda a sua exibição, num das cinemas de Lisboa, para apreciar a interpretação das artistas populares, Maria Emilia Castelo Branco, Beatriz Zelmar, Beatriz Costa, Branca de Oliveira, Aida Luppo, Maria Sampaio, Maria Amélia Martins, Carlos de Arbués, Eurico Amaral, Joaquim Avelar, Baptista, Carlos Viana, Amílcar de Souza e Luis de Magalhães.

A. F. DE C.



Carlos Arbués



Aida Luppo

O VERÃO E A ARTE



NINFA DAS PRAIAS

DES. DE ALFREDO CANDIDO

OF THE REVEREND FATHER AGOSTINO
DAVIDSON, M. S. S. O.



THE REVEREND FATHER
AGOSTINO DAVIDSON

THE REVEREND FATHER
AGOSTINO DAVIDSON

■ T E A T R O ■

UMA ACTRIZ QUE SE VAI ESTREAR

O português é por índole maledicente.

E a Escola de Arte de Representar não é tão má como Belzebuth Maledicente a pinta.

Felizmente, os factos o provam.

Entre os seus diplomados têm aparecido valores.

Alguns há que na vida do tablado têm revelado qualidades inconcussas e aptidões muito de apreciar.

Fernanda Varela, que no último ano brilhantemente concluiu o curso com a classificação de 19 valores e o 2.º prémio, já me mereceu expressões de louvor.

A propósito das suas últimas interpretações em trechos da "Salomé" e da "Morgadinha de Val-flor", tive ocasião de salientar na *Eva*, revista em que, de semana a semana, venho traçando impressões do momento teatral, o seu definido temperamento artístico e o seu promissor talento dentro do nosso teatro.

Dentro em breve será um astro terno e fulgurante na scena, enchendo-a de luz radiante, tão radiante como a



FERNANDA VARELA

quem vê em Fernanda Varela uma encantadora estreia no teatro declamado e uma futura estrêla.

ADOLFO DE CASTRO

NA PROXIMA EPOCA DE INVERNO

sua mocidade de 17 anos floridos e febricitantes, anciosos de glória.

A sua estreia no proximo inverno, no Teatro Nacional, vai despertar um grande interesse de simpatia, como um dos elementos da companhia Alves da Cunha.

Sobre Fernanda Varela vão-se inclinar todas as potestades criticas para a homenagearem e todos os admiradores e "habitués" de "premières" para lhe prestarem os merecidos preitos.

E a convicção firme em que me encontro, mais firme então se apresentará, em relação ao seu valor de actriz lançada para os papeis de trágica.

A *Alma Nova*, ao publicar o retrato de Fernanda Varela, sintetisa uma homenagem merecida. As palavras que o acompanham é que nada valem, fracas como são, nascidas duma pena incolor. Mas são palavras de

LITERATURA CINEMATOGRAFICA

'ALUCINAÇÕES'

DRAMA POR SIL-VAN-VAS,

3.ª EDIÇÃO

Um illustre jornalista açoreano, que se oculta sob o pseudónimo de *Sil-van-vas*, acaba de lançar a público, por intermédio da Livraria Universal, a 3.ª edição de uma interessante novela cinematográfica, intitulada *Alucinações*.

Nesta novela, como na anterior — *Um mistério na Côte de Berlín*, — *Sil-van-vas* tenta um novo género de literatura dramática — a literatura do gesto. O teatro mudo, isto é, o cinema, realiza-se unicamente pelo gesto, que deve ser simultaneamente a palavra e a ideia. No cinema, a palavra e a ideia constituem o *argumento*. Por falta de bons *argumentos* é que o teatro animado não atingiu ainda um grau superior de perfeição, ou arrasta-se, como se pode ver na maioria dos *films* apresentados, numa mais do que lamentável decadência. Como se criou uma literatura própria para o teatro falado, deve criar-se também uma literatura própria para o teatro mudo.

Sil-van-vas, no seu prefácio às *Alucinações* diz-nos, com intelligência e claresa, o que é uma boa obra cinematográfica. Ouçamo-lo:

"Uma boa obra cinematográfica é a expressão cumulativa de uma boa literatura e de um bom teatro, associando estes dois géneros à especialidade técnica que é a cinematografia".

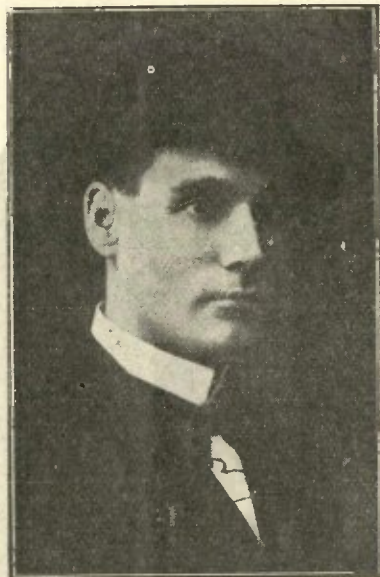
Sil-van-vas, tanto na novela como nos estudos que a acompanham, mostra-se-nos conhecedor profundo de teatro, e o volume vale duplicadamente, porque é, ao mesmo tempo, a obra dum artista e a obra dum escritor notável.

A todos os amadores do cinema recomendamos por isso, a leitura das *Alucinações*, cujo drama de gesto e apresentado em scenas curtas e sugestivas, que prendem e conquistam a atenção mais rebelde.

OS NOSSOS ARTISTAS DO RETRATO

SAAVEDRA MACHADO

O retrato caricatural, desenhado á pena, tem em Saavedra Machado um dos nossos mais talentosos artistas. Estudioso e culto, vivendo da Arte e para a Arte, os seus trabalhos teem sempre qualquer coisa de afectuoso e íntimo, de beneditino e místico. No seu atelier, de Pedrouços, ou no seu labo-



Saavedra Machado

DESENHADOR E PINTOR

transpôs as fronteiras — o desenhador Saavedra Machado é um técnico, é, enfim, um verdadeiro etnólogo, como retratista caricatural, género em que desde há muito também, trabalha, está agora evidenciando os seus méritos duma maneira notável.

Nesta página reproduzimos



Dr. Ronald de Carvalho que é hoje uma das mais salientes figuras mãças da Brasil (da 2.ª serie da *Alma Nova*)

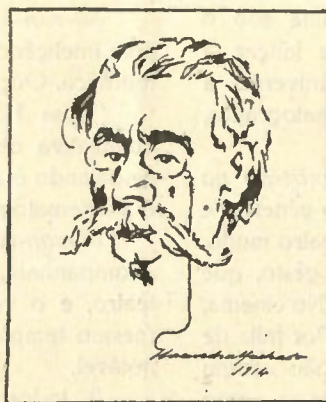
ratório do Instituto de Anatomia, na Escola Médica, reproduzindo aqui dissecações e estilizando músculos ou fixando acolá, no cartão e na tela, estados emocionais e expressões fisionómicas, ou marinhas e trechos de paisagem, onde quer que esteja, Saavedra Machado é sempre, como até há

hoje alguns dos trabalhos antigos do querido artista, que quasi viu nascer e sempre acompanhou a "Alma Nova", com um carinho e isenção, com um desinteresse e amizade, que bem se pode dizer que tudo quanto artisticamente esta re-



Santa Rita, Pintar grande valar modernista, falec da ainda nava (Caricatura da n.º 1 da 3.ª série da *Alma Nova*)

poucos anos o foi no Museu Etnológico de Belem, o mesmo grande artista, pessoal e inconfundível, honesto e trabalhador, o mesmo frade beneditino, vivendo longe do mundo, na retirada cela do seu sonho, um sonho todo feito de amor e beleza, de dedicações e patriotismos. Se como artista etnográfico, — não é isso segrêdo para ninguém, e o seu nome já



Camilo

O escritor português mais tratado por Saavedra, que foi um dos organizadores e a directar artistico da monumental 'In-Memarian' do Centénaria Camiliana.

vista tem conseguido a Saavedra Machado o deve.

Bom amigo e grande alma, esperamos ter ocasião de cefe-recer brevemente ao público de Lisboa alguns dos seus últimos trabalhos, e ao artista a homenagem votiva que está de há muito anunciada e que por motivos de saúde se tem adiado.

Set. 1926

MATEUS MORENO

NAS GRANDES PRAIAS ESPAÑHOLAS



CINCO ENCANTADORAS
NINFAS DA "CONCHA"
DE SAN-SEBASTIAN,
PREPARADAS PARA O
■ SEU MERGULHO ■
■ ■ ■ MATINAL ■ ■ ■

CRONICA DO VERÃO

A MULHER, O AMOR E O BOM-HUMOR NAS PRAIAS PORTUGUESAS



Olhando ao longe o céu e a mar...

QUANDO a época canicular chega com as agudezas caloríficas de Agosto e com as exigências veranescas de Setembro, despovoam-se a cidade de toda a garridice habitual, de toda a vida palpável, transformando-se num pântano de tristeza.

Então, nesses dois meses do estio, a cidade desaparece do mapa da nossa existência prosaica.

Não queremos a cidade para nada.

Enjoa-nos, enfastia-nos, aborrece-nos.

Procuramos a beleza do ar livre, o sentimento da vida alegre.

E a alegria de viver, o culto da maior ambição humana, no catecismo de Swet Marden, lá está no campo, na montanha, na praia.

A praia!

meteu na prisão a mulher que, com mais ímpudor que as outras, se apresentou qual "Eva" no Paraizo.

O "maillot" não anda longe do "nú integral".

Na praia movem-se, estadeiam-se esses grupos de lúbricas raparigas, excitadas num frenesi histérico.

E a lubricidade fusila nos volteios dolentes das danças em voga.

E as danças saiem dos limites dos casinos para terem lugar na própria praia, êle e ela, leves nos "maillots", envolvendo-se nos compassos dos "maxixes" e dos "charlestons".

É o amor forte, insofismável, cru no seu sensualismo, imperante no seu domínio, que a impudícia revela intensamente.

O amor sensual, feliz reflexo do agitado viver dos meses de inverno na cidade, caminha a par do "flirt", entretenimento menos perigoso, quasi inofensivo, quasi sempre inocente.



Duas boas amigas: a banhista e a areia

Eis que o mar se revolta lá ao longe, se agita no entrechocar surdo das ondas, arrastando até à areia fina da praia os flocos frescos de espuma, branca como remiges de pombos de estimação.

A praia é um livro de sonho, um livro aberto à leitura de toda a gente, que nele vai buscar o revigoramento orgânico, a tonificação dos tecidos musculares, a lubrificação das engrenagens da máquina anatómica.

A praia, com a soberana acção do tratamento salino e a salutar influência dos raios solares, abraçando o mar e o sol—dois pequenos mundos de três letras, tam somente—, produz milagres e realiza prodígios.

Milagres!

Prodígios!

Mas há mais milagre que o da atracção dos gárrulos bandos de pernas nuas e corpos desnudados, à contemplação cubiçosa de olhares cupidinos e aos beijos sôfregos do sol ardente?!...

Mas há melhor prodígio que o d'esses jardins ondulantes à beira-mar, jardins de raparigas cantando saúde, comunicando-nos vida, enchendo-nos a alma da alegria de viver?!...

Por certo que não há.

O maior encanto de beleza dum praia é aquele que lhe empresta a formosura das mulheres na simplicidade dum indumentária reduzida à expressão mais simples, braços e pernas tostados pelo sol que as festeja com galanteios adonísicos.

É vê-las, plásticas roliças e excitadoras, transparentando através do *camouflage*, em toda a expressão das linhas esbeltas e no meneio requerebrado das ancas.

E o *camouflage* como se deve sentir feliz ao encobrir carnes tão macias, ao emolecer os enebriantes pomos de ouro, que desafiam desejos impossíveis e despertam sensações febricitantes.

A praia trouxe com os costumes de hoje e com o viver cosmopolita e século-vintesco o culto da nudez à flor da água do mar.

Sôbre os minúsculos grãos da acariciadora areia corre a visão entreaberta dum fãntasia evocadora, réplica mais ou menos fiel dos episódios de naturalismo vivo da "Ilha dos Amores" que Camões desencantou para regalo dos olhos dum marinheiro português.

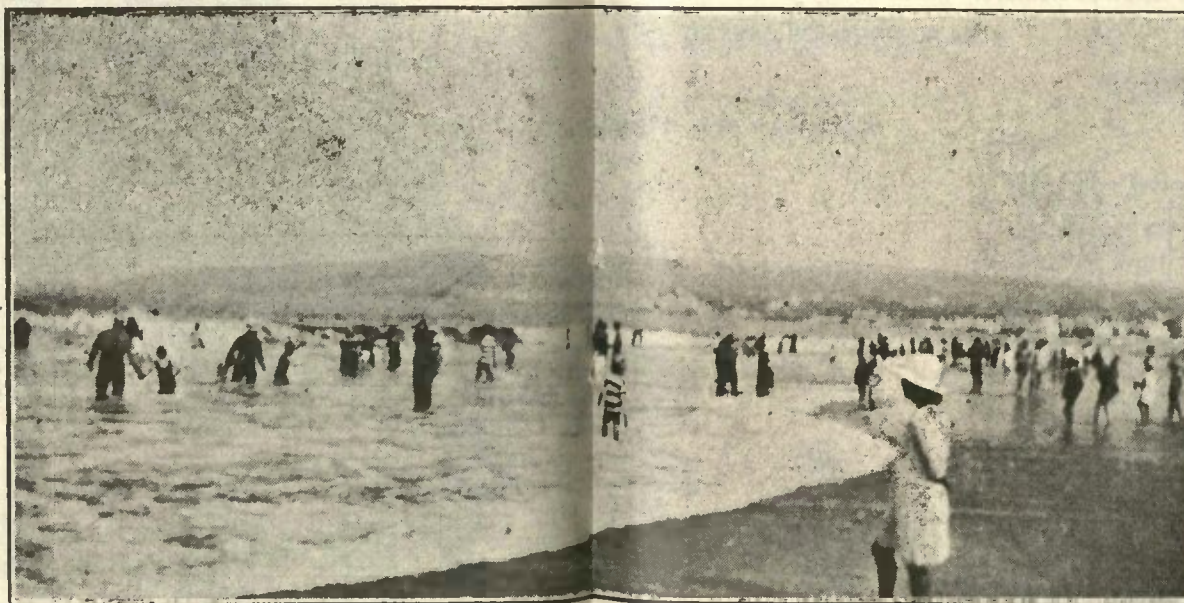
A praia moderna trouxe a vitória do nú.

O nú artístico, o nú recatado, o nú disfarçado com "trouches" e decotes largos invadiu o teatro.

E no palco da vida o nú vai tendo, pouco a pouco, um importante papel.

Dir-se-ia que a moda de hoje procura no nú a sua melhor sugestão.

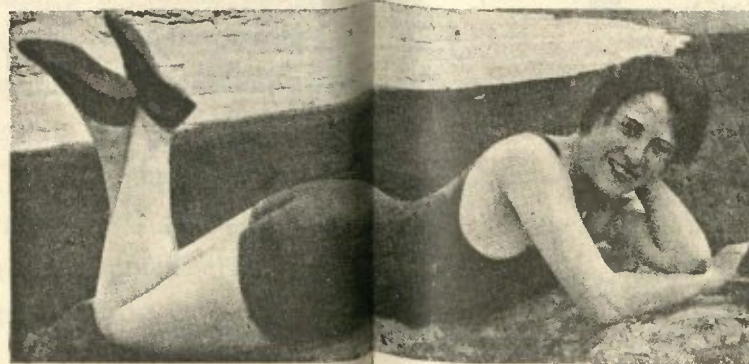
O "nú integral" teve a duração de breves minutos, há uns quinze dias, num "dancing" de Belgrado, iniciativa que ninguém quiz seguir, reprimindo-a a policia, que



Na Figueira da Foz, à hora do banho

POR ADOLFO FARIA DE CASTRO

("CRÓQUIS" DO AUTOR)



Uma gentil serenidade nas orlas cantábricas

Devaneio há muito existente e há pouco batizado com um anglicismo, o "flirt" é um suspiro das môças casadoiras e um grito de alegria das mães que querem ser promovidas a sogras.

O "flirt" é tam apeteçível como o cabelo "à garçonne", as saias pelas ligas e os decotes pelas alturas do sulco inter-mamilar; é um produto desta época de excentricidades e de levandades.

O amor vive nas praias portuguesas porque nelas existe uma larga frequência feminina.

A praia é para a mulher um palco de exhibição da sua plástica aos olhares caprichosos dos admiradores, que sempre acorrem a um chamamento invisível, como formigas ao cheiro dum torrãozinho de açúcar.

A praia é inseparável da mulher, porque lhe permite cultivar a sua eterna vaidade e a sua pretenciosa provocação; se há maridos que influem, com o seu fleumatismo, para uma ostentação dessas, outros haverá que regressam da vilegiatura com um nó atravessado na garganta, a mão constantemente na Browning e o espírito a passear por entre processos de divórcio.

¿A praia é um reflexo ou uma determinante da vida moderna?

A praia, tal qual como hoje é compreendida, nasceu em parte dos requisitos da hora que passa e, ao mesmo tempo, com o impulso que lhe foi dado, nova directriz traz à vida, introduzindo modificações no viver burguês.

A praia é um consôlo para uns e uma preocupação para quasi todos.

Mas o bom-humor nunca deixa de ser o eterno e bom companheiro dum vilegiatura na praia.

Cada família acampada sob uma barraca listrada de côres várias é um "home" de bom-humor.

A praia é bela porque a mulher a enche da alegria saudável dos seus sorrisos de ondina líria e grácil.

A praia é sedutora porque o amor aí espalha os seus artificios subtis, na rede invisível dos filtros do deus Cupido.

Mas o amor sem o bom-humor é uma vida impossível, sem encanto nem alegria.

Por isso a praia é um rincão de felicidade.

Como são alegres as lindas praias portuguesas, cheias de raparigas, constituindo ranchos de mocidade e de garulice, recebendo, metidas nas águas, as fúrias daquele "leão raivoso" de que fala Junqueiro!

Podem censurar as raparigas de hoje — oh! as endiabradas raparigas de hoje! — pelas suas liberdades, pelo seu excessivo despreendimento dos preconceitos a cuja apertada letra as nossas sorumbáticas avós se cingiam, sob uma vigilância que equivalia a um círculo de ferro.

Podem reprehendê-las por esse — à vontade — que parece exceder os limites do rasoável.

Mas se o fizerem recebem como resposta uma gargalhada e a notícia de que à beira-mar toda a gente pode



M. le "Bébé" so nada do banho



M. le "Bébé" à cáca de flirt

andar como quizer e até mesmo esquecer o "maillot" na barraca.

Cairam os tempos velhos e a mulher hoje anda pela praia com a menor sem-cerimônia, ainda com menos sem-cerimônia do que quando sobe o Chiado, na frescura dos seus vinte anos, de saia pela liga, cabelo rapado à "gillette" rôsto tratado pela "maquillage" e pintado com côres de drogaria.

A pudibundice de outrora foi-se... desapareceu.

Foi-se ela e veiu a nudez e mais a alacridade, a alegria, a naturalidade...

E à hora do banho, das barracas amontoadas sôbre a areia saltam as ninfas à procura das sensações meigas das ondas que se espraiam, oferecendo a esta um búzio extravagante, àquela uma alga de côr bizarra.

Lucilantes, recordam as ninfas de Tetis, abraçadas aos deuses marinhos, cobrindo-lhes a bôca de beijos; lembram espirituais alegorias de seres coroados de estrêlas e lanteroulas.

Grandes ou pequenas, as praias portuguesas valem pela concorrência de lindas mulheres, e até *señoritas* gentis abandonam seus penates nas Castelas para banhar seus corpos nas nossas claras águas.

E, mais do que nós, bem o sabem os estrangeiros quanto valem as nossas praias desde Vila do Conde, formosa na embucadura do rio, até à Praia da Rocha, prodigiosa de encantos naturais, passando por S. João da Foz, Granja Espinho, Figueira, os Estoris — a nossa "Côte

d'Azul" e o nosso Monte-Carlo, num futuro próximo — e tantas outras.

Belezas e atractivos não faltam: — as belezas femininas e os atractivos da natureza, quer nas chamadas praias-arrabaldinas, quer nas praias-burgos.

As praias portuguesas são belos arraiaes das tropas do generalíssimo Cupido, que constroí fortalezas, levanta castelos de areia e dispara as setas que ferem corações ingénuos.

É o amor mesmo o alvo de muitas vilegiaturas; há quem vá para a praia apenas com êsse fim em mira.

É que aos efeitos da iodização orgânica, operada pelas qualidades benéficas da água salina, preferem muitos veraneantes a cura dos males de amor...

É a vitória do coração.

E a cura é miraculosa: — o amor e o bom-humor dão-se as mãos para constituir, com o sorriso da mulher amada, a felicidade duma trilogia santa e para dar a ventura duns momentos alegres.

Nas praias portuguesas o riso corre de barraca em barraca, na ponta duma "blague" inofensiva.

Amam-se e ri-se.

Vive-se uma vida alegre — mas efêmera.

Tam efêmera como esta crônica, qual sorriso à beiramar numa manhã deliciosa de verão.

Monte Estoril, Setembro.

ADOLFO FARIA DE CASTRO

HÁBITOS... por F. Valença



— Também tem o hábito da Vilegiatura, dr. Pissarro.
— Não, minha senhora; só tenho o "Hóbito de Cristo".

A' MINHA SOBRINHITA
MARIA DE LOURDES

Minha estrêla pequenina,
Sorriso de luz divina,

O botão que hoje és, floreira,
E a graça em ti prevaleça.

Deus te conserve êsse encanto
Que tens, e que eu amo tanto,

Quando o teu corpo crescer,
E fôres, enfim, mulher ;

Êl'te guarde essa alegria
Que espalha, desanuvia,

Só de olhar tua viveza,
O meu enfado e tristeza ;

E me consola, em verdade
De tanta vulgaridade

E mesquinhez, e segura,
Feita humana criatura,

Que nêste mundo campeia,
E de que a vida anda cheia !

Êle aproxime e aparente
A tua alminha inocente

Ao que é nobre e é gentil,
E te afaste do que é vil.

E te faça mui formosa
De coração e bondosa,

De modos brandos, serenos,
Para grandes e pequenos.

E que a virtude discreta,
E simples como a violeta,

Cresça em ti, sempre enleada
Á lhaneza delicada

E à natural elegância,
E guarde a graça da infância.

Assim Deus seja servido,
E o meu rogo seja ouvido,

Linda estrêla pequenina,
Sorriso de luz divina !

ALVERCA DA BEIRA

Setembro de 1925.

ANTONIO FERREIRA MONTEIRO

OS
AMIGUINHOS



DA
"ALMA NOVA"

O menina JOSÉ ESTEVES VARGAS E SILVA
ofilhada da director-fundador da "Alma Nova", e um
das futuras calabaradores da mesma, que festejará.
no dia 23 de Dezembro próximo a seu 5.º aniversária
natalício.

OS NOSSOS POETAS

MUSA AÇOREANA

ESPINOLA DE MENDONÇA, professor efectivo do liceu de Antero de Quental, em Ponta Delgada, é o verdadeiro poeta do lar açoreano. As suas poesias, de recorte quasi ingénuo, mas sempre com um desfecho filosófico a superiorizá-las e a dar-lhes a necessária fôrça emotiva, são verdadeiros recantos da alma, delicadamente portuguesa, onde o coração se acolheu,



DR. ESPINOLA DE MENDONÇA
um dos moiores poetas novos dos Açores,
que, vindo ao Continente, teve a gentileza
de nos visitar e oferecer também o seu
apoio à nosso componha nacionolista.

como junto duma lareira, a atear a sua acha sentimental e contemplativa.

O dr. Espinola de Mendonça, que já publicou «Rosiclères», «Saudação a Portugal» e o poemeto «Ultimo adeus», tem pronta a entrar no prelo uma nova colectanea da suas produções, de cujo merecimento o leitor avaliará pelos dois lindos excertos que a seguir lhe oferecemos.

AO SERÃO

A NOITECEU. Sentaste-te a meu lado
para passarmos juntos o serão:
tu ias acabar o teu bordado,
eu ia preparar uma lição.

Mas começamos a falar. Então,
suspendeu-se o trabalho começado:
—quando se escuta a voz do coração,
esvai-se toda a sombra de cuidado.

Foram passando as horas a correr;
e ao findar o serão, o meu estudo
e o teu bordado estavam por fazer. . .

Tenho a certeza, sei que não me iludo,
se estivesse a falar-te até morrer,
ainda assim não te diria tudo.

SEGRÊDO

(NO ALBUM DUMA GENTIL FAIALENSE)

VIVE em meu peito um íntimo segrêdo
que toda a minha vida hei de ocultar,
como a pedra que rola no rochedo
e para sempre vai cair no mar.

Um dia quiz tirá-lo do meu seio,
quiz confessar, enfim, esta paixão,
mas o dever meteu-se de permeio
e deixei-o ficar no coração.

Segrêdo eterno, mágua indefinida,
— a maior mágua que êste mundo tem —
hás de viver comigo toda a vida
quando eu morrer, há de morrer também.

ESPINOLA DE MENDONÇA

DURANTE O BANHO



ELA—Imagine.
Conselheiro, que
toda a gente acha
escandaloso o meu
fato de banho!

ELE — Nêsse
caso, o melhor
que V. Ex.^a tem
a fazer é despi-lo
já...

EVANGELHO DO EGOISMO

O trecho presente faz parte do capítulo *Sandogens no abismo*, das "Memórias dum Tímido". Espero dar alguma vez a público, completos, os apontamentos ainda em desordem que as constituem, depois de revistos, para que dêles se apaguem pouco a pouco as arestas mais vivas, e certas revelações mais cruas que alguém poderia tomar como sinceras manifestações do seu temperamento caprichoso, que foi a determinante das estranhas atitudes que assumiu na vida.

Há notas, episódios, confissões, umas dolorosas, outras alegres, irónicas, e até as há profundas. Um pouco de tudo, — como num bazar. Verdadeiramente, o seu espírito era um bazar confuso, multicolor, gritante... Por isso, as suas páginas algumas vezes teem o estilo corrente e natural duma novela que prende (sente-se então que inventa e mente), outras, a dôr de não subir á perfeição do Pensamento, e muitas a crueza irónica de um scéptico vencido. Filosofava, porventura. Do seu pensamento impreciso e contraditório, com um tom de pretensão dogmática, que eu não lhe admitiria na conversa, — sobretudo oquelo maneira de falar a interlocutores imaginários! — é um claro exemplo a página que se segue. Idéas e sentimentos numa expressão confusa como a sua existência. Do estilo irregular e pobre, ninguém me lance a culpa que não tenho. Limitei-me a reconstruir, a completar letra por letra, como um beneditino ou um arqueólogo paciente, a jeroglífica embrulhada dos seus escritos, espalhados em armários e até metidos nas gavetas da casa de jantar... Muitas vezes êle próprio se confunde com os seus estranhos personagens. Quando é êle que fala? Quais as suas opiniões sôbre os inumeráveis problemas da vida? Impossível responder. Ele mesmo confessava muitas vezes não ter nenhuma opinião sôbre fôsse o que fôsse, graças á sua estranha faculdade de conceber opiniões, e tomar atitudes dialécticas perante um qualquer problema.

Como não me julgo capaz de uma obra pessoal e minha, e o tempo me sobra algumas vezes, gosto de prestar esta doce homenagem á sua memória e, ao mesmo tempo, de estender á luz do sol a manta bizarra e colorida do seu temperamento. Procurando viver sempre acompanhado, era afinal um solitário. Percorria noites inteiras os cafés, procurando numa febre os amigos e os conhecidos, e quando deparava algum, fugia-lhe de longe. O isolamento é um criador de fantasia: apenas com os outros somos sinceros. Quando é êle que fala? Quis as suas opiniões sôbre os inumeráveis problemas da vida? Impossível responder. Ele mesmo confessava muitas vezes não ter nenhuma opinião sôbre fôsse o que fôsse, graças á sua estranha faculdade de conceber opiniões, e tomar atitudes dialécticas perante um qualquer problema.

RODRIGUES MIGUÉIS

... Amor é sempre egoísmo, mesmo quando só parece ternura e dádiva espiritual. Olha bem dentro de ti. Quando te dás inteiramente, em alma e em corpo, e procuras occasião de te sacrificar, de verter o teu pranto e o teu sangue precioso, de cortar a tua carne como o Buda, de ser bálsamo e arôma e completo abandono, — quando, enfim, te dás em holocausto, e torturas o teu ser e o dobras ao egoísmo doutros, apenas dás satisfação a um impulso do teu próprio egoísmo... Entregas-te pela satisfação de sentir o teu sacrifício. Há uma espécie de masoquismo espiritual em ti: o sofrimento moral redundante em prazer. (¡Quanta ternura em muitos que não se dão jámais o prazer de consolar ninguém!...) -- Há almas que parecem duras, hirtas, á força de ascetismo e de elevação espiritual. O que tens a distinguir na vida é o Bem do Mal, e não o altruísmo do egoísmo. Tudo é egoísmo, porque o mundo está em nós, é um estado da nossa consciência. A única realidade somos nós, — SOU EU. Vivemos, conversamos, agimos no vazio. Há só egoísmo. Bom e mau. Bom e mau — para os outros, — a questão está tôda nisto! Esse homem que matou há dias a mulher, e a retalhou, foi um mau egoísta para os outros, para a vítima. O seu acto, em absoluto, *não é bom nem é mau*. (Aliás, quem me diz que êle a não libertou duma odiosa servidão?) Arrendido (és tu que o dizes), matou-se. Engano... Ainda foi por egoísmo que êle se matou. Descontente dêle próprio.

A questão reduz-se sempre ao mesmo têmea: fixar um limite do bom e do mau, um limite alheio aos próprios actos, como as fronteiras, nos mapas, são alheias aos territórios que estes representam...

...Que sombra interior nos impele? O Eu é um complexo insondável. A cada instante me desconheço. Sou outro, sou inconseqüente. Somos abismo, treva, mistério imenso. Somos feitos de fantasmas. O Eu é incomensurável, como o mesmo Universo. A consciência é um instante na nossa vida... Lembra-me uma janela donde se projecta um jorro de luz, na névoa de uma noite: só vemos para dentro da treva o que se inscreve nos limites da luz... Para além que se passa? A consciência é ao mesmo tempo a luz e o *écran*: Só vemos a imagem passageira que se foca nele. O resto é a bruma.

Quem foi que o levou a matar? O impulso interior. Quere dizer — o insondável. O mesmo que lhe impôs o suicídio... Há um cosmos dentro de nós. — "S. Francisco de Assis, todos os Mártires"... dizes tu. Esses mesmo. Os mártires morrem pela conquista da eterna bemaventurança. Crêem na eternidade, e a vida para eles é fácil de sacrificar porque é o instante. Que vale o instante em face da ventura perene da vida dos eleitos de Deus? Não é sacrilégio isto que digo: todos os santos viveram na luta pela conquista de *um ideal seu*, um ideal socialmente bom algumas vezes, discutível muitas outras, mas simpático em geral. Por

isso os estimamos. No entanto, se tivessem procurado satisfazer ideais de carneiros, seriam abomináveis! E talvez não fossem ainda assim, mais egoístas. Em nome, pois, de que princípio os condenávamos? Em nome do nosso egoísmo alarado."

"... Só depois que partiste conheci os abismos de ternura que se ocultam cá dentro. Quanta ternura te dei, insensivelmente, quanta! A gente (ainda que o não julgues) vive de se dar. É-se feliz entregando o Bem ou o Mal—que importa, se não fomos nós que o pusémos cá dentro..."

Dizem que a saudade é uma forma de altruísmo, um caso particular do amor do próximo. Mas é só isto: o mal do isolamento. Precisamos das coisas e dos outros para nos darmos consciência de nós mesmos. Sofremos pelo horror de sermos sós...

Esta ternura é cá dentro como um veio de água no ventre de uma rocha: tem de romper, tem de brotar! Há de abrir o seu caminho, no íntimo, vencer todos os obstáculos, jorrar nas encostas, dando-se em vapor, enfim, ao sol e ao ar! Há momentos em que sinto que estou prestes a despedaçar-me: o marulho interior recrudescer. De noite, sobretudo, um longo e surdo ranger de

caverna me oppresso abala-me as ténporas... São abismos de ternura acumulada. É uma energia que se adensa e que precisa de se transformar. Preciso de ti (a isto chamamos nós ternura, amor, dedicação, qualquer coisa!...) para que bebas a água inexgotável desta fonte. Tu sabes como se extrai das entranhas da vida a chama incoercível do amor, como do negrume da terra a linfa harmoniosa e pura!

A alma é uma árvore carregada de fruto, que se dobra para a terra, que fica extenuada, que morre de exuberância se não lhe colhermos os frutos...

Sufoco ás vezes de emoção e de ternura. O luar chega a ser-me odioso porque faz subir a onda do sonho, cá dentro... Tesouros recalcados de emoção oprimem-me, impedem-me de respirar. Não posso olhar uma paisagem sem uma vertigem de brutal sensualidade, ouvir um bater de asas sem uma pulsação mais rápida. Uma íntima e profunda necessidade apodera-se de mim — a de me entregar a uma adoração ilimitada — e faz da minha vida um turbilhão, uma alternativa de vãos altos, tocando as nuvens, e de um rastejar no desespêro...

É por isso que desejando-te como a raiz deseja a frescura da água, eu te abomino porque és a prova desconcertante do meu egoísmo sem limites, do encadeamento da minha vontade ao meu desejo..."

FIGURAS E FACTOS



António Dâmaso, português de lei, que no Brasil, onde conta em cada patricia um amigo, não cura apenas dos seus interesses, mas também dos da sua pátria. É um das mais ferventes propugnadores da obra admirável da "Casa de Portugal" no Rio de Janeiro, ali dirigida o "Centro da Estremadura". De visita a Portugal, tivemos o prazer de abraçá-lo no nosso redacção.



Tenente Simeão Vitòria, escritor e poeta, alma de verdadeiro patriota, que em terras de Angola trabalha e escreve em prol do nosso maior prestígio, presente e futuro, naquelas longíquas paragens. Acusando a recepção da bela *plquette* "Reconquista de Angola aos Holandeses — 1648", muito reconhecidamente o saudamos.



Dr. Emiliano da Costa, bizarro poeta algarvio e autor do formoso livro de sonetas — "Heliantos", que tão brilhante quão justificada êxito acaba de obter. "Heliantos" é um livro que marcou uma individualidade artística. O precioso escriptorio poético é envolvido numa linda capa do jovem e vigoroso desenhador, também algarvio, Roberto Nobre.

CAMILO EM ESPANHA

I I

AS TRADUÇÕES

DAMOS a seguir a lista das traduções espanholas de Camilo, lista que supomos completa, no que diz respeito ás versões em volume autónomo, não nos sendo já lícito supôr outro tanto, quanto ás que não se encontram nessas condições.

Camilo Castelo Branco — Amor de perdición (Historia de una familia) Novela original portuguesa de — Traducida al castellano por *** (Antonio Alcalá Galiano, hijo) — Madrid. Imprenta de «La Nueva España», 1872; 8.º 214-IV págs.

— Maria Moisés (Novela del Miño) Traducción del portugués por P. B. S. (Pedro Blanco Suárez) — Barcelona, La Campana y La Esquilla, (1906); 8.º 183-VIII págs.

Contém: *Maria Moisés. ¡Cómo le amaba!* e *Historia de una puerta*; sendo o vol. 103 da *Colección Diomonte*.

— La Mujer fatal (Novela) Versión castellana por T. de V. — Barcelona, V. de Luiz Tasso, (1913); 8.º 245 págs.

— La Loca de Candal (Novela) Versión castellana por T. de V. — Barcelona, V. de Luiz Tasso, (1913?); 8.º-267 págs. 2 fol.

— Amor de perdición (Historia de una familia) Novela original portuguesa de — Traducida al castellano por *** — Edimburgo, Imprenta de Nelson (1916); 8.º 288 págs.

Esta edição precedida de um prólogo da «Azorin», constituinte o vol. 21 do *Colección Española Nelson*.

— La Inclusera. Traducción de Henrique Amado — Madrid, Renacimiento, 1916; 8.º 286 págs.

— Dos Novelas del Miño. La traducción del Portugués ha sido hecha por P. Blanco Suárez — Madrid, Tip. Renovación, 1919; 8.º 215 págs.

Contém: *El Comendador* e *Lo Viudo del ahorcado*, além de uma nota preliminar onde se transcrevem alguns trechos da dedicação de *O Comendador*. É o vol. 34-35 da *Colección Universal*.

— La caída de un ángel — Barcelona, V. de Luiz Tasso, 1924; 8.º 812 págs.

Luís Vidart — Versos — Madrid, «El Correo Militar», 1873.

Contem várias versões de poesias portuguesas, e entre elas, a de um soneto de Camilo, titulado *Desengaños* (pag. 38). — Este soneto que na transcrição que temos á vista, não ostenta titulo algum, é o que começa: *Abri meu coração ás mil quimeras*.

Fernando Maristany — Las Cien mejores poesias (líricas) de la lengua portuguesa. Traducidas directamente en verso por —. Valencia, s. t., 1918.

Contem de Camilo, *El Mayor dolor humano*, pág. 110.

Também conhecemos uma tradução inédita do soneto *Os amigos*, devida á pena varonil da extinta escritora D. Rosario de Acuña, a quem *Os Simples*, de Guerra Junqueiro, devem uma segunda e mais apurada versão, que se conserva igualmente inédita.

Na edição do *Amor de perdición*, de 1916, não há nada que revele a existência de uma outra anterior. Não traz a carta de D. Luiz Vidart, datada como é sabido, e para mais, deixou-se de consignar no rosto, a circunstância de ser segunda edição. Daí resulta, que as notas do tradutor, que foram mantidas, fiquem sendo na sua maior parte anacrónicas. Outra omissão que merece reparos, é a de não se fazerem á personalidade de Camilo, as referências que lhe eram devidas, tratando-se de um autor desaparecido, e tão pouco conhecido em Espanha. Certo que o volume é dotado de prólogo, mas tais referências não tinham cabimento nêle, pela feição que o seu autor lhe imprimira, — o que não obstava para que se tivessem dado noutro lugar. De resto, essas páginas de «Azorin», são menos um prólogo, do que uma divagação lírica, repassada de intensa e delicada emotividade, e sem dúvida sugerida pelo romance de Camilo, mas pouco ou nada se relacionando com êle.

Das restantes traduções, diremos apenas, que, primam pela sua fidelidade, as devidas a D. Pedro Blanco Suárez, que em versões de outros autores, como Alice Pestana, Fialho de Almeida, Trindade Coelho e Malheiro Dias, tem-se afirmado o escritor espanhol melhor dotado para traduzir do português; facto, para o qual, muito pode ter concorrido a circunstância de ser o espôso de uma illustre senhora portuguesa, escritora de raro talento, que dera ao romance de intenção feminista algumas obras de valia.

As traduções de *A Mulher Fatal*, e de *A Doida de Candal*, não nos parece que sejam muito conhecidos dos camilianistas, pois que na própria Espanha elas são raras. Nas livrarias madrilenas nunca se nos deparara um exemplar, e até podemos citar, em abono desta raridade, o facto de serem ignoradas seis anos após a sua publicação, pelo sempre bem informado Diez-Canedo, que ocupando-se no «El Sol» de 17 de Setembro de 1919, das *Dos Novelas del Miño*, naquele mesmo ano publicadas, escrevia o que segue: «Solo una admirable novela romántica, «Amor de perdición», traducida mucho tiempo ha y reimpresa últimamente por una casa extranjera, le representaba en castellano, dejando aparte una novela y una breve narración trasladadas en estos años últimos.» Ora, êsse romance e essa narração a que Diez-Canedo se refere, são *La Inclusera* e *Maria Moisés*, respectivamente. Com *La caída de un ángel*, editada recentemente pela mesma casa que lançara aquelas, deve dar-se o mesmo: explicando-se, no entanto, esta falta de curso no mercado espanhol, de livros editados na própria Espanha, pela organização comercial de algumas casas editoriais barcelnesas, que tem o fulcro do negócio na América Espanhola, para onde segue a quasi totalidade das suas tiragens.

SANTOS AGERO

IN MEMORIAM

DR. ALFREDO DE ANDRADE



Dr. Alfredo de Andrade

Foi o coração que falou e não a pena cuidada que a escreveu.

Dos seus olhos de Pai amantíssimo correrão mais duas lágrimas de saúde... E os corações dos seus amigos, que eram muitos, sangrarão de pena, mais uma vez...

Mas não era justo que podendo nós fixar para os vindouros, nas colunas desta Revista, um pouco da personalidade do excelente Alfredo de Andrade, nos esquivássemos a fazê-lo sob o pretexto de qualquer circunstância mais ou menos dolorosa para os outros.

Um homem primoroso, que aliava uma notável riqueza de cor e de vida a uma firmeza de traço pouco vulgar em artistas novos.

A gravura que hoje ilustra a capa da "Alma Nova", é bem a prova do nosso assêrto. Foi o seu último trabalho, acabado e retocado dias antes da sua morte, e feito expressamente para atender um pedido que lhe havíamos formulado nesse sentido.

Apresentando, pois, a sua ilustre família, e, em especial a seu querido Pai, a expressão do nosso pesar, a "Alma Nova" confessa-se mais uma vez grata pelas deferências que lhe não dispensado.

Emilio Salgueiro

ANTONIO AUGUSTO DE OLIVEIRA PIMENTEL

DISTINTÍSSIMO funcionário da repartição de Contabilidade do Ministério da Instrução, recentemente falecido, Oliveira Pimentel foi um carácter lidimo e um trabalhador incansável, que deixou profunda saudade em todos que o conheciam.

Era irmão do nosso amigo sr. Arnaldo Pimentel, estimado funcionário do Ministério das Colónias, e deixa viuva a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Ereio Pimentel e um filhinho que era todo o seu enlévo.

Á família enlutada apresenta a "Alma Nova" a expressão do seu pesar.

O falecimento deste bom amigo, colega e companheiro dos bancos da universidade, foi para nós a mais dolorosa surpresa.

Dias antes, haviamo-nos encontrado, conversado, blaguendo um pouco. E perante a sua mocidade robusta, a vivacidade complacente do seu espírito, nada nos faria prever que dai a umas duas ou três semanas, teríamos de resar sôbre a sua memória as preces comovidas da nossa saúde e da nossa estima. Nunca, por certo, essas nossas preces foram tão merecidas e tão sinceras...

É que Alfredo de Andrade, espírito dotado de uma magnífica plasticidade e adaptação, era daquelas criaturas que são insusceptíveis, por natureza, por índole, por sentimentos, da prática de uma maldade, de uma atitude reservada, de um simples pensamento menos bom ou menos correcto.

Quem escreve estas linhas, não foi o que se possa chamar um íntimo de Alfredo de Andrade. As circunstâncias em que cursámos a Universidade, impediram-nos a criação dessa intimidade. Entretanto, o carácter que acabamos de descrever em rápidas palavras, adivinhava-se nêle ao primeiro contacto, à mais leve troca de impressões.

Que seu pai, o Venerando Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, nos releve esta evocação, despida de artificios, sem literatura e sem beleza.

*

* *

Se até aqui falou o amigo, em seu nome individual cabe-lhe também o dever de dizer algumas palavras de gratidão, como representante que é da Direcção desta Revista, visto que Alfredo de Andrade também foi um daqueles que desde a primeira hora lhe prestaram o auxílio da sua assinatura e a promessa da sua colaboração artística.

Sim, porque o nosso saudável colega, além de um jurisconsulto sabedor e consciencioso como poucos, era um dese-



A. A. de Oliveira Pimentel

MUSEU RAFAEL BORDALO

A SUA REABERTURA
AS NOVAS SALAS
A SUA DIRECTORA

FENCERRADO durante algum tempo para a instalação de três lindas salas de cerâmica — acaba de reabrir ao público, ali no Campo Grande, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

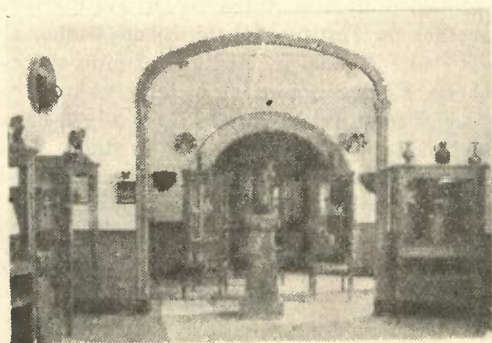
Com essas três salas mais, em que se encontram já raras e preciosíssimas peças — fica o museu definitivamente completo, e o génio multiforme e inexgotável de Rafael Bordalo, iniludivelmente patente.

N'aquelas 14 salas, cheias de desenhos, caricaturas, cartazes, esculturas, peças de cerâmica, fotografias, figurios, apontamentos e quadros, não paira apenas a alma de um homem, que muito viveu, mas uma época inteira, em todos os seus aspectos, costumes e política, ideias e homens, factos e provisões.

Por isso, não exageraremos, se afirmarmos que o Museu de Rafael Bordalo Pinheiro, não é só um museu de arte, — e, no género, parece-nos que não há melhor ou estrangeiro, — mas também um precioso museu de história contemporânea. São páginas ainda vivas, ainda estuantes de saugue, as paredes dêsse já agora notável Museu e nelas muito tem que vêr e aprender os historiadores e os criti-



Precioso recanto: desenhos e cerâmicas



As novas salas—Um aspecto

cos das ideias políticas, das correntes literárias, do teatro, dos costumes e dos acontecimentos vários que agitaram ou interessaram o tempo do grande artista, pois a tudo e a todos, com o seu lápis intencional e risonho, Rafael Bordalo Pinheiro ou escreveu o elogio merecido ou fez o comentário humorístico.

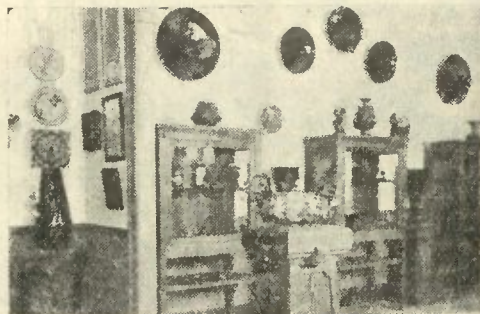
Nas três salas onde está exposta a obra de cerâmica, não sabemos que mais admirar, se o modeladôr original, gracioso e fantasista, se o pintor, que tão lindas notas de côr deixou, algumas delas, talvez, impossíveis de reproduzir.

A obra de Rafael Bordalo Pinheiro continua sendo estudada com carinho pela ilustre directora do Museu, D. Julieta Ferrão, a colaboradora inteligente e incansável do sr. Cruz Magalhães, alma generosa de poeta e de artista, que sacrificou toda a sua fortuna para legar, á cidade de Lisboa, um admirável museu, valioso sob vários pontos de vista.

D. Julieta Ferrão, autora de uma notável monografia, iniciará, possivelmente já no próximo inverno, uma série de pequenas conferências sobre a obra de Rafael, com a colaboração indispensável de Cruz Magalhães e de outras pessoas que tem estudado e melhor conhecem a obra prodigiosa e vasta do grande caricaturista e ceramista.

Essas conferências, devem revestir um especial interesse e encanto, porque nelas o labôr do mestre será estudado por partes, aspecto por aspecto, fase por fase, relacionando-o sempre com o meio, os homens, as ideias e os acontecimentos que provocaram e inspiraram as suas composições.

Também neste inverno deverá aparecer, em tomos — edição de luxo da "Colecção Ressurgimento" — o anunciado estudo de Saavedra Machado, sobre o Desenho e as mulheres no labor artístico do Mestre.



Outra sala de belos desenhos e cerâmicas

REBELO DE BETTENCOURT

MONOGRAFIAS LOCAIS

•••

ESTÁ ainda muito longe a nossa historiografia local de ter as contribuições que são necessárias para se poder reconstruir o passado histórico e a vida social da nação. Muito há, na verdade, que fazer na faina de assoalhar documentos, diz o Sr. Dr. Ricardo Jorge, que jazem em tranquila dormência, não só aqui no país, como lá fora, os quais formariam material inexgotável que devíamos ir pondo a lume em publicações metódicas, como as que todos os países civilizados editam por honra sua (*). E' certo, porém, que se nota presentemente uma sensível tendência para o renascimento de estudos da nossa história regional, tendência demonstrada pela frequência de leitores que vem tendo, como ainda nunca teve, o nosso Arquivo Nacional da Torre do Tombo, e ainda pelo aparecimento de instrutivas monografias e já notáveis trabalhos sobre a nossa história local. Não é este o lugar próprio para fazer a sua bibliografia, já em parte feita (**); seja-nos licito, porém, destacar o valioso e completo trabalho de Alberto Sampaio sobre as vilas do norte de Portugal, considerado justificadamente o mais notável na nossa historiografia contemporânea não só pela solidez e abundância dos seus

(*) Excerpta da *Anuário da Serviço Municipal de Saúde*, in-*Anuário da Comara Municipal do Porto*, 1923, pág. 8.

(**) Brita Aranha, *Bibliographie des Ouvrages Portugais pour servir à l'Étude des Villes, de Villages des Monuments, des Institutions, de Moeurs et Contumes, etc., du Portugal*. Completada pela sua publicação em português sobre o mesmo assunto, nos tomos XVII-XX do Diclanória de Inocência

Rocha Dias, *Noticias arqueológicas extraídas do Portugal antigo e moderno de Pinho Leal, com algunos notas e indicações bibliográficas*. (Separata do Bol. da Real Associação das Arquit. e Arqueólogos Port.).

António Anselmo, *Bibliografia das Bibliografias Port.*, pág. 96.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VANTAGENS DO SEU ESTUDO PARA CONHECIMENTO DA HISTORIA GERAL PORTUGUESA

POR

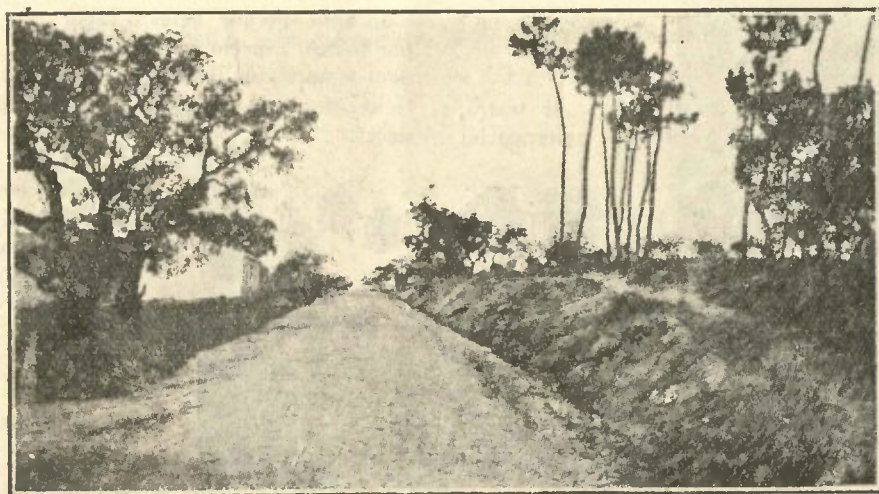
P. M. LARANJO COELHO

materiais e pela minúcia da sua documentação diplomática, como também pelo exame tão largo e consciencioso que faz, desde o meio geográfico na sua conformação física, climatérica, etc., até ás mais complexas manifestações da evolução social da nossa mais extrema província do norte do país. Notáveis e beneméritos são também os estudos feitos e os materiais acumulados pelo Sr. Dr. Leite de

Vasconcelos, no Museu de Belém, como valiosas são também as contribuições de Gabriel Pereira, sobre Évora, de Antonio Tomás Pires, sobre Elvas, as monografias de conscienciosa observação sobre o Algarve, do Dr. Ataíde de Oliveira, sobre Ferreira do Zézere, do Dr. António Baião, as publicações de interessantes documentos sobre Viana do Castelo, de Figueiredo Guerra, e sobre Braga, de José de Sousa Machado, os elementos para um dicionário de geografia e historia do concelho de Elvas, de Vitorino de Almada, os materiais para a história da Figueira da Foz, do Dr. Santos Rocha e o Boletim da Sociedade Arqueológica, da mesma cidade, as Memórias Arqueológicas e Históricas da cidade do Porto e a monografia sobre Vila do Conde e seu Alfoz, de Monsenhor J. Augusto Ferreira, o Distrito de Aveiro, de Marques Gomes, o Arquivo Municipal de Miranda do Corvo, de Belizário Pimenta, os estudos arqueológicos do Alto Minho, do Dr. Félix Alves Pereira, e os trabalhos do Instituto Histórico do Minho, as monografias do Padre Manuel de Aguiar Barreiros sobre a igreja de Vilar de Frades e outras, o interessante e modelar estudo geografico intitulado *Bacia do Vouga*, do professor da Universidade de Coimbra, Dr. Aristides de Amorim Girão, além de outras tentativas úteis correspondendo a uma necessidade real da nossa historiografia.

P. M. LARANJO COELHO

o o o



ALGARVE PITORESCO — UMA ESTRADA

TERRAS DO ALGARVE

S. BRAZ
DE
ALPORTEL



MANSÃO
DE
POESIA

Um pitoresco recanto da vila, vendo-se ao fundo o ridente sitio da "Campina".

ALPORTEL, escreve o Dr. Estanco Louro, na sua monografia ainda inédita da região, "é o concelho sertanejo do Algarve, é o coração do sotavento algalvio". Na verdade, assim é. E não só, geográficamente, o coração, mas também um pouco a alma do Algarve.

Solo ubérrimo, conquistado á penedia, com uma dedicação e pertinácia evidentemente admi-

ráveis, o seu estado actual é bem uma das mais emocionantes fotografias da alma devotada irrequieta dos seu naturais.

A vila eleva-se numa iminência. Ar lavado e sadio transformam-na em um verdadeiro sanatório. Mais para a serra fica o Barranco Velho — ponto predilecto do veraneio algarvio, clinicamente recomendado para as curas pulmonares e de repouso.

FIGURAS SAMBRAZENSES

ooo

UMA FAMÍLIA
DE ARTISTAS



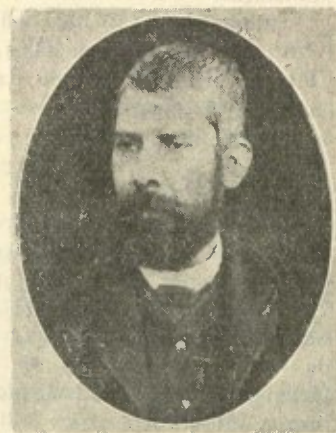
BERNARDO DE PASSOS

Um dos moiores poetas líricos do Algarve, émulo de João de Deus e autor dos livros "Adeus", "Grão de Trigo", "Bondeira do Republico", "Entardecer", aindo por publicar, etc.



BOAVENTURA PASSOS

Irmão do poeta e um novelista local de muito merecimento.



BERNARDO R. DE PASSOS

Pai do poeta e jornalista combativo, tambem natural de S. Braz. No Algarve, foi um dos vultos intellectuais que mais se distinguiram na Monarquia com os seus escritos de propoganda republicano.

INTERCAMBIO LUSO-BRASILEIRO

O Brasil é das terras mças d'Além-Atlântico a mais progressiva e a que se encontra mais perto do coração de Portugal.

O valor desta amizade, não tem, infelizmente, sido bem interpretado pelos nossos homens públicos, que, estabelecendo taxas proibitivas da exportação do livro português para o Brasil, apenas tem conseguido debilitar ainda mais a nossa influência espiritual no referido meio.

Está actualmente na pasta dos Estrangeiros alguém que muito tem pugnado pela aproximação luso-brasileira o Dr. Bettencourt Rodrigues. Que S. Ex.^a consiga a diminuição das tarifas postais entre os dois países, e algo prático terá conseguido para essa aproximação.

“A CAPITAL”

O nome de uma das obras póstumas de Eça, é o título dum novo diário matutino do Brasil, que deverá merecer de todos os nossos escritores, sobretudo os novos, um carinho muito particular.

O seu director-gerente e um dos fundadores, sr. dr. M. d'Oliveira Guimarães, considera-o um dos primeiros frutos da excursão dos estudantes portugueses ao Brasil, e espera fazer do novo periódico o baluarte das tradições portuguesas no grande Estado da Baía, onde surge.

Representa em Lisboa o novo jornal, o nosso camarada e redacção Dr. Manuel Gomes dos Santos.

UM ANIVERSARIO

“PORTUGAL”, a brilhante revista portuguesa do Rio de Janeiro, que Rui Chianca dirige e que já enfileira entre as melhores publicações do seu género, mesmo no próprio Brasil, acaba de entrar no 4.º ano da sua publicação.

Felicitando a ilustre redacção da “Portugal” e em especial e sr. Rui Chianca, pelo belo triunfo da sua iniciativa, felicitamos a nossa patriótica colónia do Rio de Janeiro.

LIVROS E REVISTAS

O tenente Afonso do Paço — moço folclorista com muitas qualidades, publicou recentemente um livrinho bastante curioso, a que o Dr. Leite de Vasconcellos ante-põe, em carta-pré-fácio, palavras de incitamento e muito louvor. Intitula-se «Gírias Militares Portuguesas» e nele são recolhidos os principais termos usados em França, durante a Grande Guerra, pela «malta», e ainda os da «caserna» e do «Colégio Militar».

Alguns termos da «malta das trincheiras», em França:

ACIDOS — Oficiais e pessoal da frente, em contraposição aos da retaguarda — das bases — os básicos.

ALICATES — Soldados telegrafistas. Guarda-fios. Por usarem alicates no serviço da sua especialidade.

ANICHADO — Cachapim. O que estava colocado em «nicho» cu excelente lugar.

AVENIDA DOS MILICIANOS — Primeira linha, por serem quasi todos milicianos os oficiais que nela faziam serviço.

ORDENANÇA — Granada que sibilava por sobre as linhas.

SINALEFAS — Sinaleiro.

VON DA COSTA — General Gomes da Costa, pelo seu caracter belicoso como um prussiano.

*

Acusamos também a recepção dos seguintes livros e revistas, a que oportunamente nos referiremos com o desenvolvimento que merecem:

“Encantamento”, 2.ª edição, de Oliva Guerra; “Aguasrelas”, versos de Julio Valför; “Saudades”, trovas de Beatriz Arnut; “Agonia”, prosa, de Santos Ferro; “Os Barristas Portugueses (Nas Escolas e no Povo)”, por Luís Chaves; “Indices do Boletim das séries 1.ª á 42.ª (1877-1924)”, da Sociedade de Geografia de Lisboa, por João Farmhouse; “Revista do Instituto Superior do Comercio de Lisboa”, Ano VIII; “El Consultor Bibliografico” — Madrid, N.ºs 2 a 12, do Ano II; “Brotéria” Fasc. I de vol. III, referente a Julho, Caminha; “Portugal”, Revista Portuguesa Quinzenal Ilustrada, Rio de Janeiro, N.ºs 72 e 73 e suplementos 7 e 8; “Seara Nova” de Lisboa; etc.

RUI CHIANCA

A bordo do “Raul Soares”, chegou há dias a Lisboa este distinto escritor e dramaturgo, director da bela revista “Portugal”, do Rio de Janeiro, que veio ao país não só em propaganda do seu brilhante *magazine*, mas ainda tratar doutros assuntos de interesse para a expansão mental portuguesa.

A Rui Chianca foram feitas, ao desembarque, leais manifestações de simpatia, sendo-lhe oferecido um almoço de homenagem por um grupo dos seus numerosos amigos e admiradores.

Nas recepções ao ilustre patricio e camarada, representou a “Alma Nova” o nosso redactor Dr. Gomes dos Santos.

VERSOS

“DA minha capa velhinha”, eis o titulo que o sr. Augusto Amado de Aguiar escolheu para o seu primeiro livro de versos. Lêmo-lo de olhos fixos num passado que já se vai cobrindo de neblina e a nossa saudade avolumou virtudes que difficilmente resistem ás severidades da crítica.

Mas faz bem ao coração, e é quanto basta. . . Saudámo-lo.



DR MANUEL GOMES DOS SANTOS

Redactor da “Alma Nova”, presidente da Comissão Directiva do “Nucleo de Resurgimento Nacional”, advogado, orador brilhante e jornalista, que acaba de ser nomeado representante em Portugal do diário “A Capitul”, da Bofo (Brasil).

TER ESPIRITO...



— “**E**RA um empresário arruinado—diziam. Perdera já muitos paralelepípedos de notas, e, na opinião dos amigos íntimos e das amantes caras, estava próximo da quebra. Mas sempre bem disposto! Pois afinal o que era a quebra? Serio acaso uma nova revista, com montagens caras e com letras a trinta dias? Não. Era apenas um produto manufacturado nos tribunais, uma espécie de aspirador eléctrico, com o qual poderiam ter o mau gosto de lhe absorver os seus scenários de papelão austriaco, como se se tratasse de um quilo de poeira nacional. Mas essa ameaça era apenas uma nuvem—e não se deve emburrar com as nuvens, antes que faça chuva. E que espírito que éle tinha! Com que graça esfuante éle se ria do tribunal dos pequenos delitos! Decerto, nenhum general, nem mesmo o próprio Foch o excederia em heroicidade nessa luta homérica que, em cada dia, sustentavo com o temivel guerrilheiro que, segundo a judiciosa opinião dos eruditos, se chama cobradôr.

E era, depois, muito instruido: já lera tôda a obros de Victor Hugo, e sabia de cór dois cantos dos Lusíadas. Ah! tinha um espírito!...

Uma vez, ao ver na rua um senhôr de colorinhos altos, cinta muito apertado e sapatos de polimento, o empresário admiravel não poude reter êste precioso comentário: — “Que elegante! Parece mesmo o Quasimodo!” Que erudição, que graça e que ironia, em duas palavras só!...

Isto, mais ou mênos, me dizio, convencido, o meu amigo Robespierre de Lima, do seu velho amigo — o empresário Hipólito Feijão.

Eu estava maravilhado, e logo lhe implorei uma apresen- tação para o inteligente fenómeno teatral. Alguns dias depois, Robespierre de Lima annunciou-me, pelo telefone, que obtivera finalment a desejada entrevista. Era naquela noite. Pergun- tei-lhe aind se deveria levar cosaca ou forda. Robespierre respondeu-me, com desdem, que o seu amigo não era um homem banal, — que recebia geralmente em mangas de camisa... de seda.

A' hora marcada, apeei-me de um carro eléctrico á porta do teatro. No átrio, havia reclames sensacionais, imaginados decerto pela intelligência subtil de Hipólito Feijão. Um era assim: “O shá da Pérsia, que contava 70 anos, morreu ontem á noite, vitimado por uma forte “coqueluche”. A consternação é geral. S. M. tinha-se constipado na noite em que foi ver o revista Menina e Mõça, ao Teatro de S. Lucas”. E outro: “O grande criminoso José António, o Tigre, evadiu-se da Peni-

tenciária, depois de ter assossinado três polícias e uma mulher em estado interessante. Em seguida, tomou um coche, e foi cumprimentar o venerando Chefe do Estado. A' noite, assistiu á representação da inegalável revista Menina e Mõço, em scêno no S. Lucas. Hoje e tôdas as noites. Preços convidati- vos”; etc., etc.

Subi. Nos corredôres, duas coristas arrepelavam-se e descompunham-se, em razão da leviandade de um lavradôr minhôto. Por fim, cheguei ao escritório. Robespierre de Lima e o empresário esperavam-me já. Este último assegurou-me que sempre me dedicou uma grande simpatia e amizade, e disse-me que a minha última cosinheira entrara para o seu teatro, tendo-se estreado no papel de Luxúrio. A seguir, falou de literatura. Perguntei-lhe a sua opinião sobre Virgílio.

— “Sim, não escrevia mal, respondeu-me. mos prefiro Camilo. Depois o latim é uma língua morta, e eu, com mor- tos... nem p'ró céu.”

Abanei a cabeça em sinal de assentimento. O meu amigo riu estrepitosamente, e rendeu preito ao espírito mordente de Hipólito Feijão.

— Ultimamente, li o Cid, de Cornélio — disse-me então. Conhece?

— Ah! de Corneille! Sim, sim, já li...

E' belo! — afirmou sôzudamente.

Depois discorreu, com rara intelligência, sôbre a influên- cia da colonização fenício no invento das campainhos eléctri- cas e dos autoclismos inglêses.

De repente, ouviram-se gritos na rua. Hipólito acorreu, pressurôso. Fôra atropelada uma mulher. Alguns momentos volvidos, Hipólito voltou, acompanhado por uma legião de amigos, e, levantando os olhos para o teto, exclamou:

— “A vida é um calvário imenso de dôr e de amargura! A vida é o sofrimento e o ongústio a dilocerorem o scoroções!”

Depois, palitou os dentes, e prosseguiu mais filosofica mente:

— Que tudo se perca, menos o amor... e o meu teatro! Já o dizia Francisco!...

— E' escandalôso! — bradei, indignado. Francisco! disse apénas isto: “Perca-se tudo, mênos a honra!” Assim é que está certo.

— Ora, ora!... Sabe-se lá o que disse êsse patusco!... Mas note: éle era um homem antigo, ignorante, que nunca leu Camilo, e que nem conheceu as revistas portugúesos, — ao passo que eu sou um homem moderno, inteligente e culto — emfim, sou um empresário. Sim — não se ria! — sou muito inteligente, e percêbo as coisas...

Depois acalmou-se, e enquanto os seus olhos fusilavam

os seus lábios esboçaram um riso torçado, a que chamam amarela pela razão lógica de não ser verde nem azul.

—Aquêles que vomitam como autómatos—disse—grandes frases de Guizot, são como as proboscídeos terciários, que declamavam de côr cantos inteiros dos seus poetas épicos. Ser moderno é esquecer as coisas do passado e entrever as coisas do futuro—ser moderno é saber história... Sim, ser moderno é fazer teatro de revista! Viva eu!

Tôdos se riram estrepitosamente, num riso que não era troça—mas sim a partitura do triunfo, O empregário saiu, radiante, batendo fartemente com os pés,—como um lutador romano no seu carro de guerra, depois de ter vencido três quarteiros de bárbaros. E os amigos concluíram em surdina:

—Que espírito! Que espírito!

—Vocês tem a certeza—perguntei, um tanto incrédulo, —de que êste homem tem espírito?

Eles olharam-me, atônitos,—depois tracaram entre si um olhar de piedade...

Sai vexado. E, ao atravessar um jardim público, que as sombras envolviam, supuz-me só, e balucei a meia voz:

—Ter espírito! Mas, meu Deus, o que é o espírito?

Então notei um vulto, de sobrecasaca branca e calças de flanela, que estava á borda de um lago a contemplar uma mulher nua, toda de mármore, e de cujos seios, mui erectos, saíam "aigrettes" de água e de cristal. Era um fantasma—um espírito. Ao deparar-me, estremeceu: Tinha-me ouvido. Numa cortezia quinhentista beijou as mãos da linda ninta, e encami-

nhou-se para mim. Já a meu lado, soltou uma risada sarcástica, uma risada de alma do outro munda, e tacando-me num ombro, murmurou baixinha:

—«Ter espírito! O espírito, diziam os grêgos, era a matéria prima com que Júpiter fabricava as deuses. Mas... não acredites nisso; os grêgos eram artistas—só artistas... Ter espírito é possuir a pedra filosofal da subtilêza e da ironia. Sim, porque o espírito é um longo tratado de magia, escrito em hieroglifos, de cujas fórmulas de maravilha os humanos obteem a chama enigmática, miraculosa, que deslumbra e que fascina. Esse tratado, poucos o conhecem; os seu editôres são as Livrarias do Acaso! Mas ha pessoas, que tem adênas fragmentos do livro mágico—páginas saltas, incompletas—e que conseguem iludir... Ah! ter espírito é possuir a sortilego boião chinês, em cujo seio só há vácuo e negação e cuja belêza reside unicamente nos desenhos multicôres que o ornamentam—nas suas chinezices!... Quanto aos empregários, são apenas o combustível, o espírito... de vinho, que allmenta a luz clara das ribaltas».

Outra gargalhada retiniu. . . e o fantasma voltou para as bordas do lago a contemplar a mulher nua, nua como um luar de mágica—tôda branca de mármore...

E o meu pensamento, monologou baixinho, na contemplação daquele estranho vulto de fantasma:

—Sim, há pelo menos um espírito... que sabe ter espírito!...

F de P.

o o o

OS NOSSOS POETAS



EDUARDO SALGUEIRO

poeta e jornalista portuense, que é ao mesmo tempo um dos mais devotados amigos da "Alma Nava" na nobre cidade da Virgem, honra hoje as nossas paginas com um belo inédito do seu próximo livro

O MEU DESEJO

O meu Desejo é serra angustiosa:
—Caminha, sobe, galga para Deus!
Mas quanto mais pertinho está dos Céus,
Mais pesa na minha Alma dadivosa!

Querendo ser cantiga vaporosa,
E' chumbo do Remorso do Judeu!
E' fantástica noite de escarcéus,
Querendo ser manhã vitoriosa...

Desejo e sonho o que ninguém sonhou...
Quero escrever meu Drama,—e não chegou
Essa Hora de estranho Amor divino!

O' meu negro Desejo! não tens fundo!
E's lágrima a correr a face ao Mundo,
—Ea ignorância do Mar do teu Destino!

EDUARDO SALGUEIRO

Do livro a sair:
"ROSÁRIO DE GENTE HUMILDE"

A GLÍPTICA

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ESTA MARAVILHOSA ARTE NA ANTIGUIDADE

A Glíptica, arte admirável que tem por fim gravar pedras preciosas, existe desde os primitivos civilizações.

É por isso que a encontramos, ainda na sua infância, reflectindo extranhas modalidades, entre as primeiras povas. Guiados pelo esplendor fascinante das pedras preciosas, estes viam nas ditas pedras, como mais tarde sucedeu a outras raças bem mais civilizadas, talismãos que passavam a raro poder de transmitir a felicidade a seus possuidores. Partindo do princípio de que a luxa e a ornamentação são indispensáveis à vida humana, que sem eles, parece vegetar e amesquinhar-se (sirva-nos de exemplo a tatuagem e as emblemas grosseiras e feias, usados pelos povos selvagens que, desse modo, supõem embelesarem-se), os povos primitivos começaram, mais por instinto do que propriamente conduzidos por um sentimento artístico, a esculpir em pedras preciosas as fantasias que a sua mentalidade ingénuo e simples lhes ditava, em gestos tão dignos da nossa admiração, quanto filhos da feticismo dimonodo da poder astrológico que imaginavam existir nas pedras lavradas, as quaes lhes serviam de ornamento e de amuletas.

Os egípcios foram dos povos onde a glíptica teve maior numero de adeptos.

Admiradores de todo a espécie de sortilégios, raros eram aqueles que, desde as primeiras dinastias faraónicas até à dominação romano, não traziam consigo objectos e jóias em que a glíptica predominava, ora sob a forma de imagens divinos, tais como as de Nephthys, Isis, Horus, Neit, etc., ora de serpentes, corações, dedos, animais e outros símbolos.

O scorpão foi, dentre as emblemas usados pelos egípcios, sab esta ordem de ideias o mais estimada, pois era — doce crença — a simbolo da immortalidade!

Mas porque é triste condão e fatal tributa humana não haver nada sobre o orbe cuja duração seja infinda, ou sem mudança, sucedeu a glíptica egípcio ter passado pelos tres fases: nascença, opogeu e declinação, restanda-nos hoje, dela apenas os vários modelos que os museus avaramente arquivam.

Os caldeus e os assírios também deixaram curiosíssimos exemplos do seu amor pela glíptica.

Pouco artistas ainda, como é natural, foi em búbios, conchas e calhaus que gravaram os primeiros emblemas da sua arte inspirada, por uma noção rude do belo e com pouca ou nenhumo estética, como se verifica pelas figuras humanas, divinas ou de animais, que se veem nos pólidos e gratescos esboços dos modelos tomados por base.

Mos que admira que assim succedesse, se um das maravilhas do glíptica caldoico, a que está ligado o nome de Sargani, rei de Agadi, diz respeito ao ano trez mil e quinhentos antes do nosso ero?

É bem simples a scena que representa esta preciosidade: Isdubur, de joelhos, nas margens de um rio, tem nas mãos a ampola sagrada, da qual sai um duplo jacto de agua, onde se vem saciar um touro de longa armadura e cujo musculatura forma dele um belo exemplar.

Mais tarde, a exemplo do que praticaram os egípcios, os caldeus e os assírios reproduziram, por meio da glíptica, diversos deuses e tomaram, como temo predilecta, génios com ojas em adoração à arvore da vida.

Os arménios, os medas e as persas, também se entregaram à arte de que me estou occupando, reprodizendo ou imitando os modelos até então conhecidos, tendo os gravadores persas mostrado o sua especial predileção pela representação de animais, tais como: leões, veados e antílopes.

Os fenícios, os romanos, os gregos e os judeus igualmente não escaparam à invasão de tão curioso arte. Com maior ou menor brilho, estes povos deram também o seu valioso contingente à glíptica, que, de maravilha em maravilha (hoje está pouco mais que decadente), produziu verdadeiros e instimáveis joios artisticos da mais alto valor historico, e iconografico, como é a *A Apatease de Augusta*, existente na Gabinete de França, e a admiravel camofeu *Glória de Augusta*, guardado no Tesouro Imperial de Viena.

O de França, é o maior camofeu que existe. Belo em todo o sentido, como o de Viena, ver este trabalho tão perfeita e encantador, corresponde a ler uma página de historia.

No centro, vê-se Tiberio e Livia; avançando para elles, Germanicus, que, levando o mão ao capote, saúda o imperador, de quem vem despedir-se, antes de partir para o desastrosa expedição dande jamais havia de voltar. Ao lado do guerreiro, está a mãe, que o ajuda a vestir a armadura. Por detraz da herai, seu filho Calígula que, ainda pequeno, tomo conta do couraça e do escudo. De traz de Germanicus, vê-se sentada, sua mulher, Agripina que segura o *volumen* onde serão escritos os feitos da campanha.

Figuram ainda neste belo quadro:

Drusus, o jovem, filho de Tiberio, que acamponhou Germanicus ao Oriente, e Livia, irmã d'este. Acabrunhado um prisioneira chara, naturalmente, a sua desdita.

A parte superior desta scena, que se passa no ano dezoete da era christã, reparta-se ao Olimpo.

Pégosa, deixa-se conduzir pelo Amor, filho de Venus, a deusa-máter das Césares.

Tão inspirado quanto surpreendente trabalho, é considerado hoje uma verdadeiro maravilha de glíptica.

Lisboa, fevereiro de 1926.

CURIOSIDADES

O VANADIO

É um metal que, devido a uma série de propriedades e aplicações, se tornou, em pouco tempo, conhecido de muitos industriais e principalmente dos da indústria dos automóveis.

O sr. Marcel Fourment publicou recentemente na "Revue de Métallurgie" um minucioso estudo sobre este metal. É um mineral tão abundante como o chumbo ou o cobre e é no Peru que ele principalmente se encontra; 80 por cento do vanádio fornecido a todo o mundo é exportado por aquela república americana.

Os minérios mais importantes deste metal são, sem dúvida, a *roscoelite* (silicato de vanádio), a *carnotite* (vanadianato de uranio e potássio), e a *patronite* (sulfureto de vanádio).

O vanádio encontra-se também com o ouro, no Colorado, por exemplo; na Alemanha, em schistos cupríferos, e na Extremadura espanhola.

Emprega-se presentemente na preparação de certos negros de anilina, na catálise de oxidantes orgânicos, na decoração cerâmica e em muitas outras aplicações, como na fotografia e na medicina. Mas o emprêgo principal do vanádio é na fabricação de ligas especiais, que consomem a quasi totalidade do vanádio do commercio. E como aumenta a resistencia dos metais a choques repetidos, o *châssis* do automóvel moderno vai buscar a essa liga a solidez que hoje nos apresenta.

E, em Portugal, não existirá o vanádio? É possível que exista nas minas de S. Domingos, por exemplo, mas não vimos noticia d'ele.

O MECANISMO DA INTELIGÊNCIA

AMAR, no seu livro sob o título *Le moteur humain*, assenta o mecanismo da intelligência sobre três faculdades fundamentais, a saber:

1.^a — A *impressão* que é o choque que, vindo do exterior, põe em movimento a maquina de pensar pelo jogo da atenção.

2.^a — A *ideação* ou *imaginação*, operação de selecção das idéas associadas que provoca a comparação das impressões actuais com as impressões passadas (a memória); o resultado desta selecção é a escolha de uma idéa entre todas. Essa escolha é mais ou menos rapida (hesitação, decisão).

3.^a — A *expressão*, reacção final pela qual a intelligência devolve para o exterior o choque que recebeu, é a vontade que faz passar a idéa escolhida do abstracto para o concreto.

A DOR HUMANA

UM critico francês, dando noticia de um livro do dr. Maurice de Fleury, *L'angoisse humaine*,

cita os periodos finais d'essa obra que arquivamos aqui: "Sem dúvida, a sciencia não nos torna melhores, directamente; ela mesmo parece-nos um pouco desalentada quando nos faz tocar com o dêdo da terrivel estabilidade o character indelével das nossas tendencias constitucionais. Mas quando ilumina com a sua viva luz a verdadeira razão de ser e o motivo profundo de certos actos, dá áqueles que a sabem compreender uma grande lição de brandura e serenidade."

NOTAS DE BANCA

11

JA' num numero anterior da "Alma Nova" arqueei algumas notas deste género: deslises, lapsos, *esquecimentos* de escritores nacionais e estrangeiros. Continua a série, que não fica por aqui:

EÇA DE QUEIROZ — O *Brinde aos senhores assinantes do Diário de Noticias*, referente ao ano de 1873 contém o conto "Singularidades dumã rapariga loura", em que se lê: "A mim teem-me afirmado que as mulheres de *Villa Real* são as mais bonitas do *Minho*".

(Na edição dos "Contos", em que aquele foi incluído, o lapso foi desfeito, pela substituição de *Minho* por *Norte*).

EÇA DE QUEIROZ — Em "A cidade e as serras", 9.^a edição, pag. 56: "...uma fuga ardente das eguas a quem a lentidão sopeada..."

EÇA DE QUEIROZ — N' "A Reliquia", 8.^a edição, pag. 54: "...o devoto habito *cinzento* da Ordem Terceira de S. Francisco".

JULIO DANTAS — No livro "Patria Portuguesa" a pag. 73: "Os dois mais novos, Antonio Marçal e João Marçal, pertenciam ao 2.^o regimento de *infanteria* da Legião..."

E a pag. 76, referindo-se a João Marçal:

"Escuro, herculeo, o João encarou o irmão mais velho, ferrolhou, impaciente, *as esporas* no sobrado..."

CAMILO CASTELO BRANCO — "Um homem de bríos", 4.^a edição, pag. 105: "cat-chouc"

IDEM, IDEM, pag. 101, "Quando as aguas subirem trinta e nove braças sobre a superficie do globo, andarã ainda muita ridicularia a boiar á tona da agua". (*A verdade é que por muitas mais braças que a agua suba, ha-de boiar sempre o que fôi de qualidade de... boiar*)

O MESMO — "Scenas da Foz", 4.^a edição, pag. 36: "espora da prateleira".

IDEM, IDEM, pag. 32: "Pois tu queres que ela te entenda? — Quero que entenda é boa a pergunta."

E a pag. 34: "Suponhamos que esta mulher não me entende? — Certo disso estou eu".

AINDA CAMILO — "O Santo da Montanha", Cap. XXVI, pag. 253: "...um livro de formato diamante".

JOSÉ BRANDÃO

**LIVRARIA
SÁ DA COSTA**
LARGO DO POÇO NOVO, 12
LISBOA

DEPOSITARIA DOS LIVROS:

SANGUE D'EPOPEIA — A Artilharia Portuguesa na Fandres, por Mateus Moreno, tenente de Artilharia, 1 vol. il.	4\$00
NA GUERRA E NA PAZ — SINFONIA MACABRA. id., (3 ed).....	2\$00
MINHA PATRIA — Poema em 3 livros e 3 jornadas, id. id., 2.ª edição broch., 3\$00, cada livro.....	1\$00
CANTIGAS — (2.ª edição), por Rebelo de Bettencourt, com prefácio de Luiz Chaves, 1 vol. broch.....	2\$50
ODES DE ANACREONTE — por Luis Caado Nunes.....	2\$50
CAMPANHAS CAMILIANAS — por Oldemiro César e Cruz Magalhães, 1 vol. broch. com il. de Rafael Bordalo.....	5\$00
«ALMA NOVA» vol. I, II e III da 3.ª série, cada, enc. 2\$500, broch.....	15\$00
O INVERGOSIMIL — Conferência Prohibida, original do insigne escritor e moralista Lorde Pechincha de Nadavale.....	2\$50
A EDUCAÇÃO MORAL — Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por José Guerreiro Murta, professor de liceus, recomendado pelo D. do Governo.....	4\$00
DA VERDADE, por João José Gomes.....	2\$50
EÇA DE QUEIROZ — «Revelado por uma ilustre senhora de sua família» D. C. d'Eça de Melo).....	2\$50
CONTOS PARA CRIANÇAS, por D. Branca Lopes Martins, com ilustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranus — Porto).....	8\$00
A ENTREVISTA, por Cruz Magalhães, 1 op. il.....	1\$00

ARTIGOS DE PINTURA
E ARTE APLICADA
TINTAS PARA AGUARELA E OLEO
DA ACREDITADA MARCA (LEFRANC)
PAPELARIA
EMILIO BRAGA, L.^{DA}
ARTIGOS DE PAPELARIA, TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÕES
OBJECTOS PROPRIOS
PARA BRINDES, ETC.
59, RUA NOVA DO ALMADA, 61
LISBOA
TELEFONE 3584 C.
SÃO EXPEDIDOS PARA A PROVÍNCIA COM TODA A PRONTIDÃO

MISTÉRIOS DO SILÊNCIO

VERDADES LUMINOSAS

«O eterna fim da universo é a evolução da espirita. A materia não se cria nem se destrae, transforna-se. O espirita, unindo-se á materia, em contacta com a fluida vital, produz a vida».

O HOMEM È OU NÃO DESCENDENTE DO MACACO?

CADA LIVRO DE 220 PAGINAS, 3\$00

Pedidas a esta redacção

Quinarrhenina

dá força e apetite

GRAVURAS USADAS

Vendem-se
muito baratas
as insertas
nesta revista
n.ºs 1 a 12

**PENSIONATO LICEAL
JOÃO DE DEUS**

Alunos internos, semi-internos e externos

R. Infante D. Henrique, 122

FARO

Reabre em Outubro, principia da annual lectiva, esta casa de estudo com apresentada, alimentação, arranja de roupa e ensina para os alunos da cursa dos Liceus até á 5.ª classe.

Está aberta desde já a inscriçã das alunas, pais que convinda a estes pertencerem ás mesmas turmas é da maxima conveniencia para todas as que desejem frequentar a Pencionata fazerem a sua inscriçã antes da abertura das aulas da Liceu.

Curso de explicações para alunas até á 5.ª classe

Pedir praspsecta-relatória a:

ANIBAL F. ALEXANDRE
FARO (Algarve)

MIGUEL MONTEIRO

(TRÁS - OS - MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANEIRO, 43

ooo

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fototipias artisticas, tais como bilhetes postais com vistas, albuns, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie, etc.
Editor dos postais de Vila Real, reproduzindo os seus motivos históricos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castelos. A mais completa coleção até hoje editada.

Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as resoeclivas fotografias para esse fim, com completos conhecimentos da arte.

PEDIR ORÇAMENTOS

“A ESTREMA DURENSE”

EMPRESA INDUSTRIAL E COMERCIAL, L.^{DA}

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES

CONTA PROPRIA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Armazens de mercearias e bacalhau por atacado e a retalho

Fornecedores do exercito de terra e mar e dos navios mercantes nacionaes e estrangeiros

ESCRITORIO - R. DOS BACALHOEIROS, 166, 168 — TELEFONE 2358 C.

ARMAZENS - T. DO ALMADA, 20 - R. DA PADARIA, 20

LISBOA

